JORNAL DAS MOÇAS

ANNO 2 - Nº 31

15 de Agosto - 1915

Senhorita Conceição Andrade

AMO-TE

SEGUNDA PARTE

Ella retomou, com uma energia febril, o que possuia de vida.

— Esse duello não se realizará. Sangue vertido seria um segundo crime e isso não compete a elle, mas a mim que sou a culpada. Mas isso não se dará.

— Que vaes fazer? perguntou o pae.

— Ignoro, Deus me inspirará!

— Toma cuidado em não ires de encontro ao seu odio, em não dares azo ao seu orgulho de homem.

— Pouco importa! Meu pae, supplico-te que procures tomar a dianteira ao Sr. Turgis e dizer-lhe que eu lhe preciso falar.

Trinque suspendeu as cortinas de uma janella e olhou para fóra.

— Eil-o que chega justamente agora.

— Bem. Vae ter então com Heitor; vae, meu pae, e traze-o aqui. E' preciso, de qualquer modo, que eu o veja.

— Tu o exiges?

— Oh! pae, pae, si tu soubesses como eu soffro!

— Não tenho duvida alguma a respeito, querida filha, e lamento-te de toda a minha alma.

Trinque obedeceu. Ao descer a escada, encontrou-se com o magistrado.

— Ide bater-vos?

— Sim, e vinha mesmo pedir-vos que me servisseis de testemunha. Rosen, com quem acabo de estar, acceitou o convite para ser a segunda.

— Eu, vossa testemunha? Impossivel!

— Impossivel, porque?

— Não imaginaes então que isso vae indispor-me sériamente com minha filha?

— A menos que eu não seja morto ou gravemente ferido, Genoveva ignorará esse duello. E' preciso que ella o ignore!

— Como, si ella já o sabe?

— Ah!

E ficou silencioso, perplexo. Por fim, disse:

— Genoveva, em todo esse caso, tem uma parte de responsabilidade. Não a censuro por isso, peço-lhe somente de se limitar ao seu papel de mulher e de não tentar impedir o que se tornou inevitavel.

— Ella deseja ver-vos. Espera-vos.

Turgis sacudiu a cabeça.

— Não. Uma entrevista neste momento seria muito dolorosa. Senhor Trinque, conto comvosco para esta tarde, ás seis horas, no bosque dos Quatro Ventos, sim?

— Não vos posso recusar esse serviço, além do que, eu vos aprecio e estimo muito.

— Não tendes de vos occupar de cousa alguma. Tudo está combinado entre mim e Montbriand. Ainda uma palavra: Genoveva deve ignorar a hora e o logar do encontro.

— Não serei eu que lhe direi.

— Até esta tarde, então.

No salão Genoveva, aguardava com a maior anciedade, a chegada de Turgis. De repente, depois de ter inutilmente esperado algum tempo, ouviu rumor de carruagem proximo do castello.

Corre á janella, pende nella o corpo para fóra e retem um grito. Turgis affasta-se a toda a velocidade de seu cavallo. Ella o chama:

— Turgis? Turgis?

O pae Trinque, por traz della, recebe-a nos braços, com a maior demonstração de ternura:

— Deixa-o ir... E' um homem. Está ciumento de ti, porque te ama muito. Tu não impedirias nada... Elle não quiz mesmo ver-te...

— Elle vae bater-se!

— Sim, mas ha sempre um bom Deus para os namorados. Si um delles fôr morto, será Montbriand, pódes crer!

Genoveva prorompeu em soluços. Trinque sobresaltou-se.

— Ah! meu Deus! exclamou ella, Heitor póde ser morto!

O velho procurou explicar-se.

— Eu não aconselho que desejes a morte delle, mas a ter de morrer algum, entre a sua e a morte de Turgis, supponho que não hesitarias, caso tivesses de fazer uma escolha, não é?

Ella continuava a chorar, repetindo:

— Heitor! Heitor!

O pae não ousava comprehender. Somente resmungou:

— Isso é tambem de mais!

Genoveva enxugou o olhos.

— Onde e a que horas se baterão elles?

— Eis o que não me é permittido dizer-te.

— Serás sem duvida uma de suas testemunhas?

— Sim.

— E a outra?

— Rosen.

— Pois bem, Rosen me dirá a verdade.

— Elle nada te dirá a respeito, pois é provavel que Turgis tenha exigido delle a promessa de calar-se.

— Rosen m'o dirá ou o demitto da fabrica.

Genoveva poz ás pressas o chapéo e partiu. Trinque não tentou retel-a. Todos os seus conselhos e considerações nesse sentido seriam inuteis.

Um quarto de hora mais tarde, ella voltava, encerrando-se em seu quarto.

Trinque procurou entrar onde a filha estava. De dentro, disse-lhe Genoveva estar incommodada e pediu-lhe que presidisse ao jantar dos operarios, ás sete horas, sob as arvores do parque, sua indisposição de momento impedia-a de o fazer.

— Rosen com certeza nada lhe disse, pensou o velho.

Elle esperou a tarde com anciedade.

Pelas cinco horas, mandou perguntar á filha si já podia recebel-o. Nova recusa. Interrogou a criada de quarto.

— Minha filha está mesmo doente?

— Sim, senhor, está doente.

— Que está fazendo ella?

— Nada. Está estendida na "chaise-longue" e chora.

— E não parece disposta a sahir?

— Oh! não!

— Bem! disse o bom homem, sem reflectir que esse movimento de satisfação era só para sorprehender a criada.

E tendo dado algumas ordens para a noite, desceu, atravessou o parque, contornou os edificios da fabrica e dirigiu-se para o bosque dos Quatro Ventos.

VI

O bosque dos Quatro Ventos fica isolado na planicie, sobre uma encosta cujos cimos são cobertos de pastagens cheias de numerosos rebanhos.

Esse bosque recebe o vento de todos os lados, de modo que fica desabrigado, dahi o seu nome.

As tempestades bruscas do verão e as saraivadas do inverno por ahi passam em seus turbilhões e em suas coleras. E' como um vasto campo fechado, onde se reunem todos os furores da natureza em demencia.

Os velhos pastores que caminham lentamente ao longo desses cimos alcantilados param para apoiar-se em seus cajados, curvando-se sobre as pernas, afim de resistirem ás lufadas de vento que os agitam, emquanto as anemonas sylvestres voltijam acima de suas cabeças.

A's seis horas Montbriand e Turgis achavam-se em presença um do outro, de espada em punho, resolvidos á luta, com os olhos cheios de odio.

— Vamos, senhores, disse Turgis, recuando alguns passos.

Os dois homens adiantaram-se e começaram a medir-se. Pareciam de igual força. Turgis mais delgado, mais fragil. Montbriand mais cheio, mais largo de hombros; um mais leve, outro mais robusto.

No momento em que elles cruzavam as armas, depois de alguns botes fingidos, Genoveva, quasi sem folego, precipitou-se entre elles.

— Cessae, disse ella, eu vos ordeno!

As espadas baixaram os seus copos. Montbriand e Turgis ficaram em expectativa de sobrancelhas franzidas, emquanto Trinque bruscamente interrogava:

— Quem te informou do que se passa?

— Ninguem. Segui-te de longe, a occultar-me atraz das arvores e moitas. Foi coisa simples.

— Que vens fazer aqui? Isto não é teu logar.

— Pois manda-me embora, si tens coragem.

Trinque deixou escapar um gesto de impaciencia.

— Tu vens tornar a nossa posição muito delicada.

Genoveva moveu os hombros. Ella bem pensava nisso.

— E' preciso que eu fale a Heitor e a Turgis. Afasta-te, meu pae, e leva comtigo estas testemunhas. Ninguem deve ouvir o que vou dizer.

O velho hesitou.

Uma ligeira palavra de Genoveva lhe cerrou o coração.

— Vae... vae, eu te supplico!

Nunca a filha lhe havia falado com tamanha ternura! Obedeceu. Alguns segundos depois, no caminho que devidia em dois o bosque dos Quatro Ventos, só se viam Genoveva e os dois adversarios.

Em voz tremula, que patenteava a sua emoção profunda, ella disse:

— Não quero ser a causa de um duello entre os dois. Si vos acontecesse alguma desgraça, guardaria disso o maior remorso para toda a minha vida.

— E' tarde de mais, disse Turgis, retirae-vos, Genoveva.

Ella voltou-se para Montbriand, então sombrio e silencioso.

— E vós, Heitor, que dizeis?

— O senhor Turgis tem razão, é tarde de mais.

— E ides-vos bater então?

— Sim.

— Mesmo contra a minha vontade?

— Mesmo assim.

— Ah! vós me não amaes nem nunca me votastes amor! Um duello por minha causa — isto é, a morte de um ou de outro — mas, não vedes então que terrivel espectaculo vae turbar para sempre a serenidade de nossas recordações.

"Já não tenho soffrido bastante? E' por minha culpa, sim, mas não tereis piedade de mim?

"Turgis, vós estaes sem duvida de posse de vosso sangue frio; talvez, ao fundo do coração, estejaes pesando com calma e apreciação diversa do momento, o que se passou ha pouco. Heitor, vós offendestes, mas é excusavel o vosso acto. A primeira offensa, de quem partiu? Quem lhe tomou das mãos as flores para impedir que elle m'as apresentasse? Elle estava no seu direito, ao passo que vós, Turgis, não estaveis no vosso. Rudeberg agia como operario. Era assim, que elle devia ser considerado.

Vós o defendeis, então, Genoveva?

— Não, explico só o seu insulto. Quero dizer que as faltas de ambos são iguaes. Não peço que haja reconciliação entre os dois. Seria exigir o impossivel. O odio vos separará para sempre, desejo apenas evitar este encontro, porque não é justo, porque não tendes o direito, um ou outro, de bater-vos, visto como, qulquer que seja o resultado deste duello, serei eu a victima, comprehendeis bem?

"Turgis, si vós matardes Heitor, poderei por ventura desposar o assassino do pae de meu filho? Heitor, vós que implorastes o vosso perdão, si por acaso matardes Turgis, esperareis talvez que eu vol-o conceda? Será desse modo que desejaes apagar o nosso passado?

— Pouco importa. Batendo-me, nada perco de vosso amor, pois que um outro já o possue, e desse modo posso vingar-me de um homem sem o qual seria possivel que ainda me pertencesseis.

— Está direito. Sois logico, pois que já não... vos amo mais. Mas assim não acontece com Turgis...

— Fui gravemente insultado pelo senhor de Montbriand. Estou, portanto, ás ordens delle.

— Ah! vós ambos não possuis nem coração nem piedade. Em logar delles, só tendes orgulho e vaidade. Turgis, foi para junto de vossa amizade que corri, procurando consolação para todos os meus pezares. Vossa fronte mostra-se implacavel e vossos olhos máos. Porque não me ouvis?

Genoveva voltou-se para Rudberg:

— E vós, Heitor, estareis disposto ainda a perseguir-me até ao fim de minha existencia? Vim para esta terra, afim de procurar solidão e o esquecimento. Não vos chamei para aqui, não pensei mais em vós. De repente vós me appareceis e comvosco, como outr'ora, um cortejo de mortificações, sorprezas e lagrimas. Não achaes então que já me tornastes bastante desgraçada, pois que parece que persistis em augmentar as minhas recordações de tristeza e de remorso? Como posso acreditar em vosso arrependimento? E, sobretudo, como dar credito ao vosso amor? Que confiança posso ter em vossos protestos de affeição? Entre o homem, que conheci outr'ora e que foi meu marido e o que hoje encontro, que differença pode haver? Finalmente, porque devo ser a vossa victima? Será isso justo? Não tenho, pois, o direito de me revoltar e de dar ordens?

Montbriand a interrompe com um gesto. Apoia a lamina de sua espada numa pedra com força, quebra-a e a lança fóra, ficando apenas com o respectivo punho na mão.

Depois, avança para Turgis e em voz quasi sumida:

— Senhor, eu vos offendi esta manhã, peço-vos perdão por isso agora.

E a Genoveva o seu olhar diz em seguida:

— Não era isto o que desejaveis? Estareis satisfeita agora? Não me humilhei bastante?

Turgis deixa cahir a espada. Mas sua fronte mantem as suas rugas e seus olhos, baixos agora, não têm mais o brando e franco brilho dos dias felizes.

— Que tudo seja esquecido, consinto! disse elle com voz surda.

Entre ambos, Genoveva, agora que elles estão aplacados em sua colera ciumenta, sente-se embaraçada e contrafeita.

Montbriand a sonda em voz baixa:

— Adeus, nunca mais me tornareis a ver.

Ella não respondeu. Seus dedos se agitam. Encara Turgis machinalmente, como si quizesse supplicar-lhe que detivesse o infeliz, que o chamasse, que o consolasse.

E seus dedos reunem-se, torcem-se, emquanto a sua bocca se crispa e seus olhos se enchem de lagrimas.

Mas Genoveva nada diz. E Montbriand, com passo tardo, como de homem a quem a canceira dos annos abate, lá segue pesadamente para a campina, onde rebentam aos montes as brancas hervas, as rosas bravas e os geranios.

Genoveva esquece tudo, o duello que poderia ser tragico, o bosque em cujo seio se acha, Turgis que a contempla e essa brisa que passa.

Como está longe, muito longe dalli e de tudo aquillo!

No profundo acabrunhamento de sua mysteriosa dor, não é mesmo nessa dor que ella pensa; uma lassidão a invade, um descorajamento, com a idéa de sempre lutar para sempre soffrer; é na sua vida de solteira que ella sonha, com sua calma ventura, lá na cidade, por entre as armas antigas, emquanto o pae Trinque explica aos freguezes as suas recentes descobertas de preciosidades de seculos; nessa vida de creança, tão amimada sempre, tão cercada de caricias, a deixar-se embalar pela voz tremula do seu velho pae.

De repente ella estremece. Sentiu a mão fria de Turgis que apertava a sua. Ouve o joven mgistrado que lhe fala, mas só o escuta como si continuasse a sonhar sempre; sua voz parece vir de longe, igual á voz de um sonho.

Turgis diz-lhe:

— Genoveva, abri-me vosso coração, como farieis a um irmão, a um amigo.

A elle parece que ella responde, sempre a sonhar, sempre mergulhada na irrealidade das cousas:

Que desejais saber, Turgis?

— A qual dos dois amais, a Heitor ou a mim?

Genoveva guarda silencio. Somente (chora muitas vezes em sonho) ella experimenta a sensação de grossas lagrimas a deslisarem por suas faces, até aos cantos da bocca, enchendo as lindas covas que lhe aformoseiam as maçãs do rosto.

Então, a mão muito fria de Turgis deixa escapar a sua mão. E este se afasta com passos rapidos para junto de Montbriand, a quem foi deter, trazendo-o para o ponto onde se acha Genoveva.

E quasi sem força e sem voz, murmurou:

— Ella vos ama, Heitor. Voltae para ella de novo!

A condessa desperta daquelle torpor... sente-se interdicta. Comprehende bem o espantoso soffrimento que despedaça o coração desse homem; ella estende os braços para Turgis, num gesto de piedade e de terror e a quem tem vontade de gritar:

— Não, tu te illudes, é a ti que eu amo...

Mas porque se mantem ella em silencio? Porque seus braços tombam ao longo do corpo? Porque (estranha contradicção) suas lagrimas redobram?

— Adeus! disse Turgis. Eu vos perdôo!

E elle parte, com a fronte curvada e, mal dá alguns passos, põe-se a correr, mette-se no bosque e desapparece.

A ventania passava com furia pelas arvores, ouvia-se o uivo de suas lufadas de envolto com a agitação rumorosa das altas galhadas do arvoredo.

Montbriand poz-se de joelhos.

Chorava.

Com os braços, ella lhe circumda o pescoço, encarando-o bem no fundo dos olhos delle. Já seccaram as suas lagrimas. Surge agora em seu rosto um doce sorriso, sorriso de mulher que enlouquece naquelle instante dois sêres, um de alegria, outro de desespero.

E não querendo mesmo saber si elle a tornaria feliz e si o futuro lhe faria esquecer o passado, Genoveva faz brotar desse sorriso a unica expressão que resumia toda a sua vida:

— **Amo-te !**

FIM

BILHETES POSTAES

MORTA...

A memoria de minha irmã

Querida, ha dias estive sentada num dos bancos do solitario Jardim Botanico; talvez teu espirito presenciasse a scena que ali se passou. Abatida pelos muitos choques que tenho soffrido tantos annos, como depois da tua morte, eu padeço horrivelmente. Quem me vê sorrir, por certo me chamará — louquinha encantadora — como tantas vezes me chamaste; mas ninguem descobrirá o véo de tristeza que meu coração encerra. Eu amava-te sinceramente. Ha tres mezes que me deixaste e a melancolia do meu coração cada vez se avoluma mais. Foi por isso irmã querida, que no Jardim Botanico, desprenderam-se dos meus olhos lagrimas de dor e de saudade. Ah! as saudades são quem me matam! Lenitivo e consolo, onde os encontrar? Teu esposo tambem soffre, teus filhos na criancice o que me poderão fazer? Um coração amigo a quem expandir as minhas magoas opprimidas não tenho! As lagrimas! Ah! essas sim, só estas me darão allivio nesta vida amargurada. Querida, lá do céo não esqueças de pedir a Deus por mim, e oxalá que eu sempre sinta saudades tuas...

Elza O. do Nascimento.

Para J. C. de S.

Os philosophos poderão algum dia achar solução para os grandes problemas universaes, mas ignorarão sempre qual a verdade occulta sob as palavras da mulher.

Aniralih.

Ao J. Marques
(Cantagallo)

A incerteza amarga como o fél e corta como o punhal. Amar sem ter certeza de ser correspondida é soffrer agruras crueis e perecer no insondavel oceano da duvida!...

Barão de Aquino — E. do Rio.

Lilias de Puysail.

Ao joven Fernando P. Barreto

Sobre as esmeraldinas aguas do mar, guiada pela resplandescente luz do luar, navego em um mensageiro barco de Esperança; procurando sobre o azul do firmamento a estrella preferida, mas em vão... porque esta estrella esquecendo as juras que me fez, illumina talvez com mais firmeza outro coração menos sincero. Mas, que importa... amo-te ainda e amar-te-ei eternamente. Creias que guardarei, no recondito do coração a tua cruel ingratidão, como guardei julgando-as sinceras as juras que entre os teus sorrisos fingidos me fizeste. Emquanto feliz tu vives ao lado de outra eu recordando com tristeza o nosso feliz passado navego no barco das minhas esperanças, espargindo sobre o mar as verdadeiras lagrimas da saudade.

Nictheroy.

Orcanetta

A alguem

O coração do homem é uma fonte de cuja nascente brota aos bortotões o balsamo crystalino e doce que dá vida á vida: o Amor.

O coração da mulher é um labyrintho cuja profundidade nunca poderemos alcançar, mesmo empregando toda a grandeza de um amor fiel, sincero e dedicado.

Pereira Lobo.

A' Mlle. D. T.

Sonhar de um louco
Que ainda ha pouco
De amor apenas
Ouviu fallar.
Longe, quizera
Viver, pudéra
Ser tão feliz,
Sem nunca amar.

Rio | Julho | 915.

J. Brum.

Ao meu querido Alvaro

A casualidade é muitas vezes mãe dos grandes successos.

O coração não é mais do que um despota que se regosija escravisando a nossa alma.

Não se mata uma "esperança", conservando a alegria no coração.

Chrysanthemo.

E' muito mais facil ir buscar no fundo do mar a pedra preciosa, do que encontrar um amor sincero e verdadeiro no coração da mulher.

Perminio A. O.

A minha boa amiguinha Rita.

A amizade, quando é sincera, habita no fundo do coraçoã; o soffrimento não a faz desfalecer e uma longa ausencia não consegue siquer diminuil-a.

J. Velloso.

A' H. S.

Antes de conhecer-te ignorava as delicias enganadoras do amor; conhecendo-te fui trahido, pelos teus falsos sorrisos e precipitado no abysmo do esquecimento.

Rubi.

Para Helena

A mulher tudo perdôa ao homem menos... o adivinhar o que ella pensa atravez do que diz.

Nemo.

Lina.

E' no ciume, que eu encontro a traducção mais expressiva, para hypothecar-te a mais synthetica amizade.

18 | 7 | 915.

Lino.

A' sympathica Emma Costa.

Não é preciso possuirmos o retrato da pessoa amada, porque a sua imagem já trazemos gravada no coração!

Renega.

Disseram-me que moras num cortiço
Lindo feitiço
E eu acreditei. Sabes por que?.
Porque tambem a abelha
Como vê
Mora
Em um cortiço, deusa seductora...

E como és uma abelha
Que tem favos tão doces de hydromel
Na boquinha vermelha,
Quero sequioso sugar todo o mel
Do amor. Por isso,
Eu creio, flor, que mores num cortiço!...

Hugo.

A' interessante M. J. Accioly

Nunca pensei que o meu coração podesse sentir as doçuras do amor. Vi-te e então Cupido lançou-me uma de suas settas e eu ameite-te como nunca se amou ninguem.

L. M.

A' alguem

A consciencia deve dominar o coração; mas o amor, ás vezes, é tão vivo que captivando o coração, domina a consciencia.

Angela.

A' Anna C. A.

Assim como as flores necessitam do orvalho que as vivifica, eu necessito do teu amor para tornar minha vida inteiramente feliz.

Lulú.

A' quem eu sei

No dia em que a minha ultima esperança morrer, será esse o dia da minha morte.

Botafogo.

Elzinha.

Ao Dr. Ohplodor

A prece é o perfume da alma; o traço que liga a creatura ao Creador, o orvalho bemdito que allivia as grandes fragoas do coração.

Tristeza.

A ti que me entendes

Jamais poder-se-á experimentar tristeza tão profunda como quando se é obrigado a uma prolongada ausencia, mormente quando se deixa no local da partida o ente a quem se ama.

Os grandes obstaculos são, muita vez, vencidos sem a menor difficuldade, desde que haja entre dois entes que se amam: confiança illimitada e reciproca esperança.

Pecego.

Correspondencia do "Jornal das Moças"

Miranda e Horta — Recebemos a poesia "Minha Alma", em memoria de Annibal Teophilo; por ser um pouco longa temos de adiar a sua publicação para o proximo numero.

Antonio R. B. — Estão certos os versos, mas muito fraco o trabalho intellectual . . .

Annibal de Mattos — Não pode ser.

L. Neves — Ora, seu Neves, vá estudar um pouco de syntaxe e volte. A sua Carta de Amor está cheia de erros grosseiros e além disso o Snr. não comprehende bem a que criterio está sujeita a collaboração dessa secção.

Eurico Curado — A "Morte de Tito" serve e sairá na pagina dos sonetos.

Urbaim — A idéa de seu soneto "Evocação" não é má, o diabo é vir envolta numa roupagem de versos mal feitos.

M. O. S. — Não podemos servir de "Onze letras"... Bata em outra porta.

Serolod Artud — Serão publicados os postaes.

Estrella d'Alva — Será publicado com pequeno retoque no ultimo terceto, si nos dá licença . . .

Passos Val — O seu "Vicio", cheira a *Gran Guignol*, mas para chegar lá, como convinha, ainda é preciso que o amigo estude mais e escreva melhor.

Deprym — O trabalho "Verão" não serve, está escripto em estylo mal cuidado. Porque não relê o que escreve antes de nos mandar?

Arlindo M. G. — Fraquinhas as suas sextilhas. Parece-nos que a sua querida Eulina bem merece uns versos mais bonitos e principalmente com boa metrificação. O Sr. é um bom e velho amigo do "Jornal das Moças" em cujas paginas já têm sido publicado trabalhos seus de mais valor. Não fôra a letra muito nossa conhecida e supporiamos não serem de sua autoria os versos que nos mandou. Desculpe esta franqueza, e sempre ás suas ordens.

M. de N. N. — Está completamente enganada. O nosso companheiro de redacção Ricardo Barbosa estará prompto, com muito prazer, a provar o grande erro em que V. Ex. se encontra.

E. M. Barbosa — O soneto está bom, apezar de não estar completa a definição.

L. T. S. — Não temos tempo nem espaço para responder a sua carta cheia de recriminações injustas. Procuramos ser sempre muito delicados e tolerantes quanto possivel, principalmente com os principiantes, mas não chegaremos nunca a publicar as babuseiras que teve o displante de remetter ao "Jornal das Moças". O Sr. até parece que perdeu o juizo, por muito menos "alguns" estão no vasto casarão da Praia da Saudade!

Salvio Lessa — Mas então o Sr. copiou o soneto do Almanack e nos mandou? Com que intuito?

Desprezada — Serve o seu trabalhsoinho. Está mesmo desprezada? Que pena! Si conhecessemos o Rodolpho falariamos a elle para não ser tão máo...

Mlle. Cherie — A sua carta de amor não está mal escripta . . . pelo menos o portuguez está certo... Mas . . . aquelles beijos . . . etc.; essas cousas, gentil senhorita, fazem-se, mas não se dizem . . . e logo no "Jornal das Moças". Tenha paciencia, não fique zangadinha, reflicta bem e afinal verá que temos razão e não vá fiando-se muito no doutorsinho...

Margarida — Não serve o perfil.

Elzinha — Os trabalhos "Praia Vermelha" e "Solidão", precisam grandes retoques. E' preciso apurar mais um pouco o seu estylo descriptivo.

Mattos Gomes — Na primeira opportunidade, com muito prazer.

Tristeza — Serve, a dedicatoria é que está um pouco confusa . . .

J. Travassos — Bom o soneto, fica esperando a vez.

Archimino Caio — Serve o soneto "Andorinha".

Amarilio R. — Os seus versos precisam de mais cuidado na metrificação.

Mothoz Folhi — Muito frivolo.

Francisco Pedroso — Os seus versos á Albertina têm necessidade de grandes concertos.

Lyam — Não fique zangada, estamos ás suas ordens, mande outros originaes, temos grande empenho em satisfazer a sua justa pretenção. Appareça.

Moacyr — Não está máo o soneto e fica esperando a vez.

Telephone — Não servem.

Hermany — Precisam de alguns retoques e falta-nos o tempo. Faça os remendos e volte.

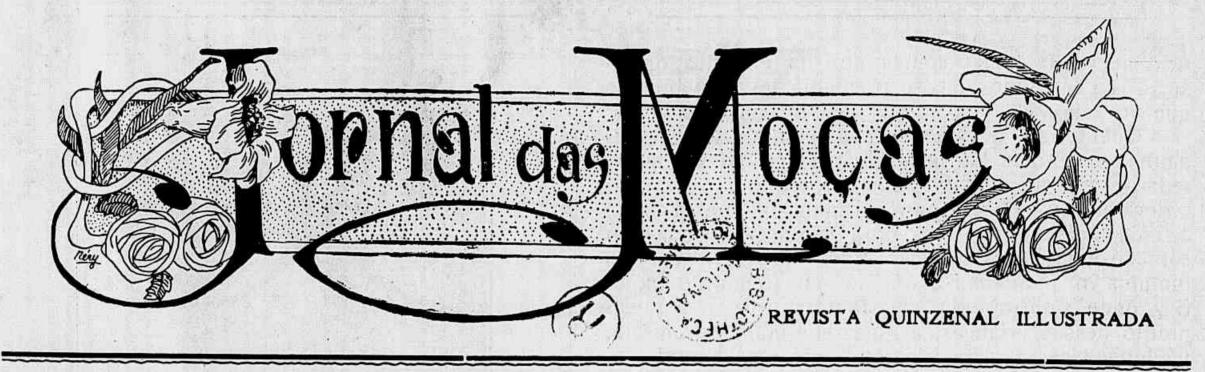
Rubi, J. Maceió, Silva e Dario — Não podem ser publicados.

O TZAR E OS POETAS

Não fazem mal as musas aos doutores . . . nem aos imperadores! E como quer que esteja em fóco, mercê da guerra, a figura do tzar de todas as Russias vem a proposito citar o soberano neste jornal. Pois, é verdade; Nicolau II adora a poesia e protege de bom grado os poetas. Exemplo: um dia, certo vate russo, tão rico de talento como pobre de meios financeiros, mandou ao soberano de todas as Russias o primeiro exemplar dum seu livro de versos O tzar fez encadenar em marroquim um bom masso de notas de banco e remetteu o valioso volume ao poeta, com a seguinte dedicatoria: "Novas poesias de Nicolau II". Poucos dias depois viu o "confrade" no theatro e perguntou se lhe haviam agradado as suas poesias!...

— Immenso, meu senhor! respondeu o poeta; e será com maior contentamento que receberei de Vossa Magestade, — a segunda edicção!...

ANNO II RIO DE JANEIRO, 15 DE AGOSTO DE 1915 NUM. 31

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

EXPEDIENTE

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS

Anno . . . . . 10$000 — Semestre . . . . . 6$000

PAGAMENTO ADEANTADO

Numero avulso 400 reis; nos Estados 500 reis

Director-proprietario F. A. PEREIRA

Os originaes enviados á redacção não serão restituidos.
As assignaturas começam em qualquer dia, mas terminam sempre em Junho e Dezembro. As importancias das assignaturas e toda a correspondencia devem ser dirigidas aos editores **Turnauer & Machado.**

Redacção e administração — RUA 13 DE MAIO N. 43

TELEPHONE CENTRAL 1365

CHRONICA

A emocionante tragedia desenrolada em torno do caso de divorcio, tentado ha mezes por uma das filhas do saudoso Barão do Rio Branco e que teve por epilogo o assassinato do marido, o barão de Werther, quando este procurava, a todo o transe, apoderar-se dos filhos que a justiça lhe entregara, como cabeça do casal, e que a mulher raptara, levando-os para logar até então ignorado, surge a nossos olhos como a expressão mais palpitante e viva, a expressão maxima do quanto póde o amor paternal, na sua dualidade amoravel, em lucta incarniçada pela defesa desses verdadeiros pedaços d'alma, representados nas louras e graciosas figuras dessas crianças amadas.

Nesse duello de entranhado carinho humano em que o amor de mãe váe até ao supremo arrojo de armar tenda de combate ao lado do berço de seus filhos, prompta sem duvida até ao sacrificio da propria vida o que esse lar, assim santificado por tamanha ternura e tão desmedido affecto, não podesse nunca ter o seu limiar transposto sinão por pessoas amigas.

Nessa contenda, entre o devotamento do mais decidido empenho amoroso de pae, na ancia incontida de rever essas creaturinhas, surgidas ao sopro vital do seu amor, para o consolo de sua existencia de desherdado do affecto da esposa, e esse apêgo sem par de que só as mães sabem avaliar a extensão e a ternura, com que eram ellas resguardadas, tamanho desvelo, que não se sabe nunca si viviam mais ao doce contacto maternal ou virtualmente escondidas no mais secreto de seu coração de mãe amantisissima, emerge, por entre as acções dos homens como um desses ainda apreciaves, embora bem tristes e bem dolorosos em suas consequencias, especimens da vitalidade affectiva do sentimento humano ao serviço da familia, ao serviço da prole.!

Como se explicar de outro modo a temeridade com que esse pae arrosta todos os perigos, não receiando nem mesmo perder a propria existencia ou tornar-se de um momento para outro o autor do massacre de muitas outras vidas, comtanto que consiga vêr em seu patrio poder os filhinhos por quem vivia a chorar e por cuja posse effectiva bem poucas lhe pareciam todas as loucuras e todos os despropositados commettimentos, postos em pratica nesse quasi santificante instincto?

Como explicar de outro modo a cegueira quasi celestial com que essa mãe, devotada até aos mais rudes golpes do cégo destino á guarda dessas crianças, para cuja existencia expuzera tantas vezes a sua, não cura de outro mistér na vida sinão do agasalho *á outrance,* a todo o custo, bem junto á sua alma, retemperada pelas suas caricias, pelos seus brincos innocentes, dessas avesinhas, nascidas do mais doce enlevo do seu coração amoroso?

Que lhe importa, sem duvida, no seu egoismo maternal, que a fatalidade, encaminhada de certo pelo ardor com que se impuzera a essa tarefa de guarda de seus filhos, fosse até ao extremo de lançar por terra sem vida o pae dessas crianças, si ella firmou com isso o predominio absolucto sobre o amor que ellas certamente lhe dedicam?

Entre essa mãe e esse pae, cada qual mais extremado nos processos e meios de que lançavam mão para vêr se conseguiam a posse completa e deifnitiva de seus filhos, de ha muito se havia elevado uma ante-mural, com certesa de odios bem arraigados e bem profundos, pouco se lhes dando que, para transpol-a, tivessem de jogar a propria vida, como aconteceu afinal a um delles, o mais desditoso, aquelle que tinha por si a lei e a justiça, menos forte e menos seguro de certo do que ao que aos seus tão justos e tão fervorosos designios oppunha a fortaleza inexpugnavel do amor materno.

Que importa a essa que se sente victoriosa com a conquista real do amor de seus filhos, graças á intervenção da morte de seu contendor, que a jus-

tiça lhe venha tomar contas de sua energica opposição ao esbulho que se pretendia levar avante do que em sua vida ella possue de mais precioso?

Quanto ao desgraçado pae, victima dessa campanha que tantas lagrimas lhe custara, ao ver-se arredado dos mais idolatrados sêres que a vida concedera ao seu extraordinario carinho paternal, a quem a bala homicida cerrara para sempre as portas do coração á presença de seus filhos, que o silencio dos tumulos o mantenha agora no seu tranquillo imperio, onde sem duvida não tardará que o copioso pranto dessas crianças, a quem elle tanto extremecia, vá humedecer a terra fria para cujo seio humido levara, mau grado seu, todo o desmedido affecto que o impulsionava na luta tremenda em que encontrou a morte.

Senhorita Dejanira Pinna

A ARTE DE SER ELEGANTE

A elegancia, com os ultimos e estapafurdios exaggeros que estão lançando na moda os srs. costureiros, parece que já vae deixando de ser uma arte de requintes de indumentaria para se transformar numa sensaboria.

E' o que se pode observar analisando detidamente certas vestimentas que estão apparecendo. Da saia collante, estreita e lisa, passaram as senhoras á saia bocca de sino.

***

Hão de convir que o salto é muito brusco.

Passar do mais estreito ao mais amplo, sem uma suave transição é quasi absurdo. E o absurdo se revela com força nas ultimas saias bocca de sino que são um attentado á elegancia verdadeira. A continuarmos assim, é preferivel o regresso ás modas de 1830.

Voltemos então á saia balão, armadas de arames, ás anquinhas, ao chapéosinho de fita pendente á semelhança das modernas toucas das governantes.

***

Precisamos combater a saia bocca de sino que é um attentado á elegancia.

Devemos combater sempre o exaggero. Do mesmo modo como abatemos o uso da saia travada que era ridicula e fazia da mulher um palito saltitante, devemos pugnar pelo desapparecimento da saia bocca de sino que não é menos comica como attentado ao bom gosto das senhoras.

Se a moda tem exhorbitancias, cumpre á elegancia eliminal-as para que haja ao menos o bom senso das proporções.

Yvonne

Mme. Maria Araujo Maia e seu primogenito Gustavo, esposa e filho do Sr. Hernandes da Silva Maia, auxiliar do commercio, residente nesta Capital.

Paginas do coração

No sumptuoso palacio desse soberbo rei da India, reinava completo silencio.

Os salões, em cujos muros ainda ha pouco acclarados pela farta luz dos candelabros, coruscavam saphyras e rubins, jaziam em trevas profundas.

A propria sentinella, alfange em punho, encostada aos humbraes do portico de bronze em alto relevo cinzelado, dormitava.

Fóra, ascendendo para o espaço, a envolver todo o castello, como espiraes de um thurybulo, um perfume suave de verbena e rosa embalsamava o ambiente...

Subito, um patear surdo de ginetes e vozes confusas se fazem ouvir.

Centenares de archotes, illuminando centenares de minazes cataduras, como um clarão sinistro de incendio, fazem, por entre as trevas, alvejar as paredes da mansão real.

Invadem o castello.

As espadas e os cutelos decepam cabeças. O panico domina os habitantes do palacio. Rei e rainha occultam-se nos subterraneos e na fuga precipitada esquecem, no berço, o mimoso fructo de seu amor — um principe de mezes apenas de existencia!

Um dos assaltantes apodera-se da creança, e no meio do pateo aos gritos de alegria satanica de seus companheiros, faz em dois pedaços o innocentinho cuja morte era necessaria para que o irmão bastardo do rei, pudesse um dia subir ao throno!...

Quando, livre o palacio da sanguesedenta horda selvatica, rei e rainha choram amargamente a morte tragica de seu filho querido, uma escrava, olhos marejantes de lagrimas vem lhes dizer que o principezinho está salvo e dorme no berço de seu filho que ella deitára no berço real!

Tudo se comprehendera num momento. Tão nobre acção merece a mais regia das recompensas.

Aos thesouros ancestraes, abarrotados de archi-fabulosas riquezas, é conduzida a escrava para que escolha o que mais lhe apraza!

E, quando com anciosa espectativa todos observam os seus gestos, ella se apodera de um punhal de cabo de ouro cheio de brilhantes embutidos, e apontando para uma nesga do céo azul que a madrugada permittia perceber — lá está, disse ella, o meu filho querido!... Deve ter fome... preciso ir amamental-o...

E crava o punhal no coração!...

* * *

Querida. Como essa escrava que despreza todas as riquezas, todas as honras, para, no céo, ir ter com o filho —fragmento idolatrado de sua alma ardente de amor — eu, tudo desprezo... não quero outra affeição, outra mulher, nem mesmo... para o céo subir sequer!

Rosaes Sadi.

Senhorita EDITH PRATES

INSTRUIR DELEITANDO

PERDER A TRAMONTANA

Antes da descoberta da bussola, os marinheiros não se aventuravam ao largo mar. Receiavam, como era justo, que se perdessem na vastidão tenebrosa das aguas que elles povoavam de fantasmas e gigantes fabulosos.

A navegação, portanto era feita com terra á vista e elles procuravam se guiar sempre pela estrella polar a que chamavam—*tramontana* — porque lhes apparecia além dos montes.

D'ahi os elementos constitutivos da palavra: —*trans* e *montes*.

Quando lhes acontecia perder de vista a estrella, perdiam o rumo e erravam ás tontas em busca do porto desejado.

Perder a tramontana no sentido figurado, tem precisamente essa mesma idéa.

O individuo que *perde a tramontana* é o que se sente embaraçado pelas difficuldades que se apresentam. Se está pronunciando um discurso, perde-se, não sabe mais em que ponto está. Desorienta-se por completo.

* * *

PUNHOS DE BUFFON

Buffon foi o maior naturalista e um dos mais illustres escriptores francezes. E' de sua autoria esta phrase que hoje é aphorismo de incontestavel verdade: — "O estylo é o homem".

Póde-se dizer que elle se deixa reconhecer pelo seu estylo. Ninguem tem mais elegancia, mais correcção, mais belleza de imagem do que elle.

Por isso mesmo, na base da estatua que lhe erigiram, fizeram esculpir esta inscripção: — "O seu genio iguala a magestade da natureza".

Buffon vivia em um castello de sua propriedade. Quando ia escrever as suas obras, vestia-se como quem ia a uma recepção regia: vestia-se elegantemente, de *bofes* e de *punhos bordados* e depois de penteado, empoava-se com todo o esmero.

A expressão, pois *Punhos de Buffon* tornou-se proverbial para caracterisar a affectação requintada do estylo de certos litteratos, ou as maneiras exaggeradamente polidas de certas pessoas.

Mlle. Mimi.

Sobre o esquife de meu pae

Morreu. Repousa em seu caixão deitado
Como a dormir sobre um macio leito;
A' luz de brancos cyrios enfeitado
Dos pés ao collo, da cabeça ao peito.

Soluça minha mãe. Que desolado
Mostra-se meu irmão! Que duro effeito
E' vêr um pae ao tumulo levado
E vêr um lar em lagrimas desfeito!

Mais forte explode a magoa dolorosa
Como a vaga de encontro ao arrecife,
Por noite fria, triste e tormentosa.

Dou-lhe o ultimo adeus. E de joelhos
Beijo, chorando, no modesto esquife,
Quem nunca mais ha de me dar conselhos!

Benjamim Costa.

O Canto do Sabiá

Tremem no Azul os roseos tons da aurora,
Rompe um trillo primeiro pelos ares:
E' um preludio pausado que clangora,
Fere um sabiá um threno entre os palmares...

Pausa... e depois, irrompe céos em fora,
Um allegro que accende alvos luares...
Trilla, suspira e ri, desvaira e implora;
Silvos de amores, prantos e sonhares!

Pausa... e outra vez, n'um crystalino riso,
Desfere um *scherzo* vivido e conciso,
Em volatas de luz e de alegria...

Trilla... e, afinal, em fuga arrebatada,
N'um turbilhão de gritos, de harmonia,
Desfaz-se o hymno em risos de alvorada!
1915.

Erico Curado.

CAVATINA

PARA O ALBUM DE SANTINHA

E' um estribilho de amor.

A jurity á hora do sol posto soluça-o nos arvoredos e eu me occulto para ouvil-o.

***

Eu amo a dolencia da rola e o queixume do regato.

Si ella chama os filhinhos ou elle chora de amor beijando as flores das margens, vão cantando o estribilho.

Ouvi-os hoje em duêtto.

***

A briza é sempre indiscreta e a rosa sempre vaidosa.

A briza ao dizel-o á rosa vio-a pender desfolhada...

E' um verso de trez syllabas.

Aprendi a musica com as aves e a briza ensinou-me o canto.

***

A rola canta-o em duetto com o ribeirinho que passa e eu canto muito em segredo temendo a briza indiscreta.

Gentil Malveiros

Grupo de Stas. quartanistas do importante collegio Santa Cruz, Juiz de Fóra

Ao amor perfeito.

Não sei porque me prendo tanto na contemplação de tua ultima missiva.

Que poderei dizer-te que te sirva de conforto e de consolo, a não ser que a tua dor é como um écho de minha dor e os teus doloridos queixumes a continuação do canto triste e plangente que de ha muito sobe de meu coração aos labios?

Queres uma palavra que seja como um balsamo para tua dor; um gesto de piedade que salve tua alma amargurada que vê o crepusculo melancolico da descrença toldar os seus ideaes; imploras-me que reanime a luz da tua existencia, para sempre despedaçada e quasi a naufragar nas trevoas mudas do anniquilamento; esperas, emfim, de mim, um affecto espiritual como uma brilhante gotta d'agua a mitigar, a suavisar a sêde de tua pobre alma abrazada pela febre do desespero!

Senhorita PALETTINA DE CARVALHO, habil pintora, residente em Juiz de Fóra

E sentindo bem como deves soffrer ao peso de tão cruciantes magoas, julgo ouvir uma vóz a segredar-me: "Porque não unes teu coração ao delle, e não formam os dois uma unica dor e para a qual buscarão as mesmas consolações?"

Mas não, é impossivel. Como poderei unir meu coração ao teu si ha entre nós um outro coração, um coração em trevas, e do qual apenas se ouve o gargalhar do louco?

Não. Eternamente, seremos dois infelizes que se procuram e momentos depois se separam com os olhos orvalhados de prantos!

Queres de mim um laivo de conforto a suavisar a amargura de teu calix.

Tu crês que eu seja a alma irmã da tua, irmã pelo soffrimento, pela morte de todos os seus ideaes.

Ambos, sonhamos um amor que nunca encontramos, mas que, agora, sentimol-o dentro de nossos pobres corações e envolto em nossas dores.

Ah! guardemos esse thesouro de nossas almas; não o profanemos com o contacto deste mundo de miserias!

Foi com um estremecimento de verdadeira alegria que percebi o teu amor como se fosse o meu proprio amor!

Quando me disseste, após a narração de tua triste odysséa amorosa, que o amor com o qual sonhavas, não existia, eu vi em ti o ente tão desejado por mim nas minhas horas de desanimo, de desillusão.

Esse grito de tua alma desilludida, ha muito que eu deixo escapar da minha!

Vem, pois, cantar aos meus ouvidos essa melodia dolente, inspirada pelo teu soffrimento e cadenciada ao rythmo de teu coração.

Dir-te-ei como era bello o meu sonho de amor, e juntos, choraremos a nossa existencia para sempre despedaçada, como uma pobre rosa desfolhada em manhã de primavera!

Grazy.

(Collaboração)

Oh! Como é doce sonhar quando Apollo esparge sobre a terra os seus ultimos raios melancolicos, que, semelhantes a fios de ouro beijam as vagas da nossa bella bahia de Guanabara!

Como é sublime recordar as nossas illusões desfeitas, nessa hora em que tudo se reveste de tristeza!

Somente o coração torna-se alegre, mas de uma alegria que é uma recordação de um passado coberto de flores.

Os dias de nossa infancia, que como uma rosa foram-se desfolhando levando todos os nossos sonhos infantis!

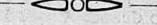
As nossas primeiras illusões que para o Eden que se estende, vôaram, para nunca mais voltarem! Oh! como é triste recordar o passado!

Então se pudesses abrir o meu coração nesse momento, verias nelle escripto em lettras de sangue illussões, que se desfizeram com o sopro da realidade!

Senti que meus olhos gottejavam, e duas lagrimas rolando vieram despertar-me deste sonho quando na Igrejinha batia suavemente Ave-Maria!

Appareceu uma estrella assemelhando-se a um pharol no pincaro do monte. Era noite cerrada! A abobada estava illuminada!

Junho de 1915.

Nadyr de A. Monteiro.

Da agencia de publicações do Sr. Braz Lauria, rua Gonçalves Dias 78, recebemos e agradecemos as seguintes revistas e jornaes de modas ultimamente chegados da Europa: "Hojas selectas", "Il Bazar", "Miroir de Modas", "Novo Mundo" e "Weldons Lady Journal."

A fatalidade ou a predestinação está na maneira por que nosso temperamento nos faz encarar, explorar ou despresar os incidentes imprevistos, as casualidades da vida.

ECCO IL PLOBLEMA...

Para Mlle. Amazile Corimbaba.

"A mulher, linda e sacra, apparece no crepusculo da vida como a resultante de todos os fulgores e perfumes. Deus poz nas suas intenções nas flôres, na aurora na primavéra e quér que se a ame. Ella é a alma-flor de toda uma sombra." Na delicadesa immensa da conformação de todo o seu ser angelical, vemos, como que a luzir, a antithese verdadeira, absoluta, da outra especie do ser humano, o homem. A mulher é delicada mas não é fraca. A sua delicadesa, engastada a sua graciosidade, imprime-lhe ao aspécto um tom de infinita fraqueza, de inexcedivel fragilidade e faz com que se creia que ella é mais debil do que verdadeiramente ella o é. Si ella soffre mais na lenta e cada vez mais bella formação da mocidade, ou na rapida transfiguração da idade na velhice, não é por ser fraca, não é por ser debil, não é por ser fragil. Si ella soffre muito é por ser delicada, por ser bondosa, por ser amorosa e admiravelmente sentimental.

Sensivel ella se recente ao minimo embate, choca-se ao mais leve contacto de uma pequena mágoa, cora-se ao mais subtil effeito de uma innocente phrase, desespera-se á mais suave vergastada de uma saudade terna. O seu sofrimento é sempre doloroso, as suas lagrimas sempre mais ardentes quando é obrigada a soffrer, quando é forçada a chorar. Se não se expande, não se esforça, não se liberta, não é pela incapacidade relativa de suas forças comparadas ao "*dominio tyrannico dos homens*". Não. A mulher mesmo que fosse fraca, fraquissima, seria capaz de ter, por sua delicadeza, sua meiguice, sua bondade, sua belleza, seu encanto, sua graça, energias enormissimas para vencer as mais "*absurdas vontades dos homens*" e o seu "*incomparavel egoismo*". Tirassem-se della a sensibilidade e a delicadesa, mesmo em diminuta porção, e ella viria sobrepujar, sobejamente, o homem, na calma, na frieza, na resignação e na coragem, quando invadida pela corrente nervosa do pranto ou pelo desespero aflictivo de uma catastrophe inesperada, pois que, a par da aureola de sensibilidade que contorna a su'alma n'uma transparencia infinitamente pallida e incandescente, ella possúe uma sombranceiriedade eminentemente superior no encarar os factos em sua extenção verdadeira, medindo-os com absoluta exactidão, anteparando, a tempo, a consequencia de seus feitos com a resistencia heroica de um gigante.

Senhoritas Sinhá e Marietta Ribeiro Coelho, residentes em Jequery

Ella soffre, mas... o homem padece mais. "O homem, diz Victor Hugo, é o paciente dos acontecimentos.

A sua vida uma perpetua chaga.

Nunca sabe de que parte virá a rapida descida do ocaso. As catastrophes as felicidades entram, depois sahem, como personagens inesperadas da sua vida. Ellas tem a sua lei, a sua orbita e a sua gravitação fôra do homem."

Realmente o homem é o verdadeiro paciente!! Tudo elle espera resignado, crente submisso. Quer o sorriso consolador que descortina uma ira de polarisações frescas, um inicio venturoso de uma existencia feliz e bonançosa, quér a tormentosa e cruél escalada da ladeira escabrosa de um calvario de dôres. O homem póde ser um monstro mas não é, todavia, indomavel. O homem é um desencadeamento de incorrecções; a mulher a mais perfeita obra da natureza humana.

O homem é o corvo agoirento e taciturno á beira do tumulo; a mulher a gotta crystalina de orvalho no calix de uma flôr. A ave agoirenta se alimenta dos frangalhos da mórte, e a gotta de orvalho, fresca e mysteriosa acaricia, beija, dá alento e faz viver a flôr na haste. O homem nasce para o pranto, para o desespero, para a luta, para o soffrimento; a mulher para o riso, a calma, o socego e a alegria. Ambos nascem, ambos vivem, ambos morrem, sem conseguirem, nunca, o seu ideal sonhado. Depois... se confundem para a eternidade das cousas que se foram quando a mórte ceifar-lhes a vida.

Nada foram, nada são, nada serão.

Ecco il problema...

Rio — 7 — 915.

De A. Sza.

—o—

Mãe!... Palavra monossyllabica, que na encantadora triologia de suas lettras traz a recordação de um Bem desconhecido...

...Aureola mystica que fulgura em todos os corações; perfume sacratissimo e mysterioso que enebria todas as almas!

...Balsamo sublime que cicatriza os sulcos doloridos de um recondito soffrer!...

...Visão enternecedora e candida que nos vem acalmar os pensamentos angustiados que de nós se appossam nos momentos de Desgosto e de Desanimo.

Recordação indélével; lembrança immorredoura que existe no intimo de todos os corações; meteóro de luz que brilha no azulineo céo de nossa infantillidade...

...Iris promissôr de felicidades, que vemos fulgurar explendorósamente nos momentos, em que nossas almas, tambem desanimadas no Occaso da Desesperança!...

...Fonte inexhaurivel de Ternura inigma indicifravel onde existem todos os anceios e todos os carinhos!

...Estrella matutina que irradia ao alvorecer de nossa Infancia; estrella vespertina que rebrilha esmaecida ao entardecer de nossa Mocidade!...

....

....

....

Todos nós trazemos indefinidamente no escrinio purissimo da imaginação ovulto adornado d'Aquella, que, ao lado de nosso berço, velava, e via, cheia de immensa Felicidade, os sorrisos, que de quando em quando, afloravam aos nossos labios de innocentes!...

João Avila da Costa Sobrinho.

Chá na Praia de Botafogo em beneficio dos pobres

Grupo de senhoritas que tomaram parte em uma festa em beneficio do Ascençor do "Parque Redemptor" em Juiz de Fóra

CORAÇÕES INCULTOS

(TRADUCÇÃO)

"A mulher é voluvel, a mulher é frivola"...

Não ha um pensador, um philosopho, prosador ou poeta, que não tenha sustentado esse julgamento sobre a mulher.

Esse julgamento tem sido formulado de mil e mil maneiras. Antigos e modernos têm-no glosado em todos os sentidos, si bem que junto do maior numero esse juizo, tornado banal, passa por uma incontestavel verdade.

Nós mesmos não vamos absolutamente negal-o.

Segundo as épocas, as mulheres mereceram esses dois epithetos; porem ha épocas tambem em que nada se pode dizer dessas mulheres por haverem dado provas de um alto valor moral.

Na verdade, vê-se muitas vezes aquella que sempre devera ser a companheira sensata do homem, apegada ao pensamento de uma ninharia e passar horas inteiras em arranjar uma madeixa, em estudar um laço, em combinar um vestido.

Para ellas o effeito de uma fita é cousa de importancia e as ondulações de um volante ou de uma renda, preoccupam-n'a muitas vezes indo até ao ponto de impedil-a de dormir. Que quereis vós?

Quando se educa a mulher de modo a lhe deixar crêr que ella nasceu sómente para ser bella, todas as suas aspirações, todas as suas pretenções se voltam naturalmente para o partido da belleza.

Mas tambem quando ella está habituada a trazer os seus olhares mais alto: quando nutre idéas mais sérias, ella está familiarisada com os horizontes elevados: trazendo dessas regiões todas as forças de uma alma generosa, todas as suavidades de um espirito doce e prudente; ella vivifica, alivia, consola e espalha em torno de si os sadios e fecundos rocios.

Cessa-se então de explorar á mulher os seus defeitos e a sua má educação, bem mais que a sua natureza.

Ha na mulher thesouros de amor, de devotamento, de abnegação que podem ir até ao heroismo, mas que é preciso saber cultivar.

Desgraçado do paiz cuja inercia ou desdem deixa o joio da ignorancia supprimir germens tão preciosos.

Nós acabamos de atravessar uma phase lugubre. Que anno desastroso para nossa pobre patria! mas tambem que lição! Os canhões do inimigo conservaram Paris fechado durante um longo cerco. A fome podia forçar a Capital da França a entregar as armas. Este periodo afflictivo escoou-se no meio das privações e dos soffrimentos, os mais duros. Entre os martyrs desse devotamento, havia alguns homens, mulheres e creanças.

Pois bem! que faziam as mulheres? Foram fracas deante do sacrificio? Mostraram-se menos resignadas, menos patriotas que os homens?

Não, ouvi dizer e justiça se lhes fizeram, ellas foram admiraveis, sim, admiraveis e admiradas.

Paciencia, devotamento, ingenhosidade, tudo puzeram á disposição das innumeras dores. Essas fracas creaturas encontraram de repente bastante força para supportar alegremente as privações e as fatigas com o que não estavam habituadas. Em todo logar, ellas foram os anjos da guarda dos necessitados e dos feridos.

Oh! que poderia dizer das vezes que ellas curaram, ajuntando á receita do medico a uncção de sua palavra, o balsamo de seu coração!

Por que razão, desgraçadamente, será preciso que esses tão bellos exemplos tenham o seu reverso? Durante uma segunda phase, mais curta e mais penosa que a primeira, as mulheres — não as mesmas bem entendido — mas mulheres emfim, inverteram então a sua nobre missão de caridade. Presa de uma sinistra loucura, de seus labios, que poderiam ter espalhado a pacificação e a conciliação, foram insuffladas a discordia e o odio: com suas mãos que outr'ora pensavam os feridos, passaram a passear sobre as habitações a tocha incendiaria!

Quê! a mulher, este sêr que, quando creança, é a alegria

da casa; quer quando mais experiente, é a arvore, a protecção de uma nova familia, é ella quem accende o facho destruidor dos ninhos!

Oh! quanto, a isto recuso-me ainda a crêr. Deante desses factos, eu mulher, sinto-me invadida de uma tão profunda dor que minha razão se perde.

Desejaria subtrahir-me a essa lembrança e não posso desprender meu pensamento deste horrivel pezadello.

Como o abysmo attrahe!

Tenho-as sem cessar deante dos olhos, essas mulheres, quasi todas mães.

Esquecidas do que ellas devem, eu não digo á humanidade, mas a ellas mesmas e a seus filhos, eil-as que se entendem formando grupos e correndo a improvisar ruinas e sepultar sob os entulhos ninhadas humanas.

D'onde veio essa sua raiva criminosa?

Quem as lançou sobre a queda fatal?

Quem sob seus passos cavou o precipicio?

Póde ser que haja muitas causas a pesquizar; mas eu creio poder affirmar que a mais certa está na ausencia de toda educação moral, desta educação que fortifica a alma, e, dirigindo as paixões, canalisa-as em proveito do bem e da dignidade.

Desgraçadas creaturas desviadas! Que voz escutaram ellas? Que palavras puderam convencel-as? Que remedio sobretudo será bastante efficaz para esse mal que tem pervertido seu julgamento? Só de um grande remedio precisam esses cerebros doentes!

Oh! vergonha das vergonhas! Será preciso a dura necessidade de confessar? Emquanto que certas mulheres esquecem as doces e santas leis da maternidade, ouvi dizer que jovens soldados se tornam a providencia de creanças abandonadas.

Eu vi sobre a escadaria do Bazar da Industria, um menino, perdido durante a insurreição, recolhido pelos soldados de guarda nesse logar. Que desgraçado devia elle considerar-se quando esses bravos o adoptaram!

Póde-se adivinhar desde já que elles são obrigados a vestil-o dos pés a cabeça.

Com velhos vestuarios, elles encontraram o melhor meio de confeccionar um trajo "tout neuf" para o pobre pequeno, que se deixava levar quasi inconscientemente e se deixava viver comendo o pão da verdadeira fraternidade.

"Donde vos vem esta creança? pertence a um de vós? perguntei eu á sentinella que parecia cercar o menino de cuidados e olhares affectuosos.

— Meu Deus! Não, senhora — respondeu-me o soldado; nós o encontrámos acolá, sem saber donde e como elle tinha vindo. Elle chorava e tinha fome,e tinha frio. Deu-se-lhe o que se poude, e depois o deixámos comnosco.

— Mas, seus paes?

— Elle nem o proprio nome lhes sabe.

— Pobre orphão!

— Elle é tão meigo, tão obediente! e nós lhe ensinaremos bem o seu dever: desse modo tornar-se-á bom soldado."

Que de mais maternal? Eu fui tocada por essa linguagem tão simples, de cujo valor ninguem duvidava, acabando por encorajar o grupo em sua boa acção collectiva.

Não foi muito o que me disse esse bravo soldado; mas si todas as mulheres tivessem o senso necessario para dizer outro tanto, eu creio que a maior parte preencheria melhor seu papel de educadoras.

A vida de um homem honesto, como a de uma mulher honesta, não se compõe de deveres acabados?...

Ensinar a uma creança o seu dever é a mais bella missão de uma mulher.

GRAZY.

28 | 6 | 915.

O que uma moça deve saber para casar

Precioso livro que será publicado brevemente, muito original e unico no seu genero. Leitura de grande utilidade e indispensavel a todas as senhoritas.

A edição será limitada pois não se trata de uma publicação de fancaria que aspire grande divulgação e venda avulsa.

Conceição de Macabú—Um gracioso grupo tirado na chacara do Sr. Capitão Licinio Coutinho, que se vê de *bonet*, ao lado de sua Exma. Senhora. Entre as presentes encontra-se a Exma. Senhorita Francina Ribeiro, assignante e apreciadora do *Jornal das Moças*

NOTAS MUNDANAS

ANNIVERSARIOS

Passa no dia 24 d'este mez a gloriosa data natalicia da Exm.ª Snr.ª D. Maria Cassão da Costa Mesquita, virtuosa esposa do negociante desta praça Sr. Albino de Oliveira Mesquita.

Sua Exc.ª que, pelo seu trato lhano e bondoso e pelas suas fidalgas qualidades de caracter sabe conquistar innumeras amizades, verificará neste dia quanto é estimada por todas as pessoas de suas intimas relações.

×

No dia 29 do corrente faz annos o nosso amigo Jarbas Alves de Souza, residente em Parahyba do Sul.

×

Fez annos no dia 1.º a gentil senhorita Vicentina de Angeles, que pelos dotes de seu coração amoroso conta em cada uma de suas companheiras uma amiguinha sincera.

×

No dia 6 passou a data natalicia da sympatica senhorita Marietta Rodrigues Neves, residente em Nictheroy.

×

A graciosa Mlle. Julieta Ramos, filha do Sr. Flausinio Ramos e distincta alumna do professor Alberto Motta, festejou seu anniversario natalicio no dia 1.º do corrente mez.

×

Sta. Philomena Lopes

Fez annos no dia 10 a formosa senhorita Philomena Lopes, residente em S. Fidelis, Estado do Rio, e uma das mais assiduas leitoras do "Jornal das Moças".

×

Faz annos no dia 21 o academico de Direito Alfieri Pereira.

×

Festejou o seu anniversario natalicio no dia 4 a gentilissima demoiselle Aida Ramos, nossa distincta collaboradora e filha do illustre capitão de fragata Carlos Ramos, chefe do Corpo Pharmaceutico da Armada. Mlle. ao cultivo da litteratura allia o da musica interpretando ao piano os classicos com muito brilho e sentimento.

×

Viu passar seu anniversario natalicio, no dia 13 do corrente, o nosso amigo sr. Antonio Damaso. Foi por essa occasião cumprimentado por muitos amigos que á sua residencia foram levar-lhe os parabens.

CASAMENTOS

Consorciou-se a gentilissima Mlle. Maria Tavares da Fonseca, com o Sr. Alberico Tavares, funccionario dos Telegraphos.

O acto religioso teve logar na Igreja da Candelaria, sendo testemunhas por parte da noiva o Dr. Manoel Barros e Mme. Adelaide Meira, e por parte do noivo o Sr. Mario Duarte Carneiro.

O acto civil realizou-se na residencia dos paes da noiva.

NASCIMENTO

O Snr. Oswaldo Nogueira de Carvalho e sua Exma. esposa D. Corina Cobra de Carvalho participaram-nos o nascimento de sua filha Maria da Conceição.

VIAJANTES

Mme. Lydia de Niemeyer Santos, um dos bellos ornamentos da nossa élite social e seu esposo, sr. Alberto Barbosa dos Santos, embarcarão, por todo este mez para Lisboa, onde o distincto casal vae fixar residencia.

CONCERTOS

No dia 17 realisa-se no salão nobre do «Jornal do Commercio», o concerto da eximia pianista Celina Roxo, diplomada pelo Real Conservatorio de Leipzig, directora e fundadora da Escola de Musica Figueiredo-Roxo e livre docente do Instituto Nacional.

Celina Roxo é uma artista de reputação firmada e muitissimo querida da nossa élite social que certamente, mais uma vez, irá applaudir a genial artista patricia.

×

Realizou-se no dia 4 de Agosto no Theatro S. Salvador, na cidade de Campos, um magnifico concerto, festival de despedida da eximia cantora hungara Bertha Ramos.

A orchestra que foi regida pela emerita musicista, Maxima Silva Bastos, executou escolhidos trechos de musica, e nella toumaram parte as seguintes senhoritas: Benedicta P. da Rocha, Maria Gouveia, Helena Rocha, Elsa Teixeira, Algemira Silva e Catharina Leal.

Estreou no *Trianon* a *tourneé* lyrica Luiz Filgueiras, levando á scena a opera em um acto a "Lei do Coração".

O resumo dessa mimosa peça é o seguinte:

Carmela, mulher do povo, esposa de Paschoal, Isabel Fragoso; Paschoal, operario, Fernando de Azevedo; Genaro, marinheiro, pae de Carmela, E. de

Marco. Paschoal, é brio habitual, frequentador de tavernas réles, volta para casa, tendo Carmela esprobado o seu proceder; elle exalta-se, mas finge-se calmo, pedindo-lhe dinheiro ou qualquer objecto de ouro com que pudesse pagar as dividas do jogo: Carmela diz-lhe que nada mais tem para lhe dar. Ao clarão de um relampago, elle vê que ella tem ao pescoço uma medalha de ouro e a exige: Carmela nega-se a dal-a, pois, essa medalha é a recordação do filho morto. Luctam então, intervindo Genaro, que é obrigado a ferir Paschoal; este, mortalmente ferido, reconhece suas faltas e pede perdão aos dois. Ambos lhe perdoam, pois, assim o exige a lei do coração.

A menina ZILDA VALLADARES residente em Juiz de Fóra

A musica, cuidadosamente composta pelo maestro Filgueiras, é muito bonita, tendo trechos de verdadeira inspiração.

Está em ensaios a "Ceia dos Cardeaes", que subirá á scena depois.

A "mise-en-scéne" é do actor Mathias de Almeida, de reconhecida competencia.

Esta nova iniciativa dos emprezarios do *Trianon* teve grande acceitação por parte do publico selecto frequentador do elegante theatrinho da Avenida Rio Branco.

***

A companhia Galhardo que trabalhou em São Paulo, está a chegar a esta capital.

A sua peça de estréa será a revista paulista *Chaves & Parafusos.*

***

Entre as peças novas que o *Pathé* pretende levar ainda este mez estão: *Coração manda,* de Francis de Croisset, traduzida pelo sr. Antonio Guimarães; *Visão antiga* original de Carlos Maul, e *Bella Mme. Vargas,* de João do Rio.

***

A companhia Caruso-Titta Ruffo que virá em Setembro para o Municipal, estreou em Montevidéo no dia 5 com a *Manon* de Massenet.

Por absoluta falta de espaço adiamos para o proximo numero a publicação de uma poesia intitulada: "Mar Nocivo," bello trabalho litterario do apreciado poeta Ricardo Barbosa.

AS MENSAGENS DA BRISA

— Doce brisa da tarde! diziam os passarinhos debruçados á beira dos ninhos, leva as nossas canções á moça que além scisma, sentada á sua janella, dize-lhe que por ella é que entoamos concertos nas arvores.— Sim, diz a calhandra, quem a acorda de manhã sou eu. — E sou eu quem a adormece á noite, diz o rouxinol.

— Doce brisa da tarde! dizia o sino, toma o meu hymno sobre tuas azas, e leva-o á scysmadora que olha para o valle. Minhas notas argentinas hão de lembrar-lhe a igrejinha e a capella de sua santa predilecta, a quem ella levava grinaldas ramos de flores.

— Doce brisa da tarde! diziam os grillos escondidos nas searas, toma sobre tuas azas os nossos cantos e leva-os tambem á moça, elles hão de lembrar-lhe as mésses e as centaureas cóm que tecia coroas.

— Doce brisa da tarde! dizia o joven que vellava á rua de sua lampada no solitario aposento, áquella que além scisma, sentada á sua janella, leva as palavras de meus labios e faze que cantem aos seus ouvidos.

Toma os meus pensamentos e deixa-os cahir em sua alma. Toma os meus beijos e põe-nos em sua fronte, quando lhe a caricias os cabellos. Toma sobre tuas azas o meu amor inteiro, com suas lagrimas e sorrisos, com seus receios e esperanças, e leva-o inteira assim á moça que além scisma, sentada á sua janella!

E a brisa voou, com a maior velocidade de que dispunha, e foi levar as suas mensagens.

— Brisa da tarde! disse por fim a moça, vae dizer aos passarinhos que me chamem si em mão cahir do caçador. Eu irei libertal-os da prisão e do laço e restituir-lhes a liberdade do céo e os ninhos da floresta.

Dize ao sinosinho que tange que não me esqueci delle; suas ave-marias acham-me sempre de joelhos em frente á imagem da santa de minha devoção, como dantes quando eu lhe levava grinaldas de flores á capella.

Dize aos grillos da planicie que me lembro delles. Quando a neve cobrir os campos, eu lhes darei um ninho em meu lar, e elles me recordarão o de minha familia, onde se juntaram as fiandeiras pelos serões do inverno.

Doce brisa da tarde! ao joven que além scisma, á luz de sua lampada, no solitario aposento, leva sobre tuas azas este manto que bordei com minhas proprias mãos.

As flores de que está recamado receberam o orvalho de meus olhos e confiaram-lhe, muitas vezes meus labios o segrêdo do coração!

Doce brisa da tarde! toma sobre tuas azas o meu amor! E a brisa voou, carregada de suas novas mensagens.

H. Murger.

OS TRES VÉOS DE MARIA

No 17.° numero desta revista, publicamos, com o titulo acima, uma producção litteraria com a assignatura do grande poeta Guerra Junqueiro, e no penultimo (n.° 30), com o mesmo titulo, outra producção, quasi nos mesmos termos, encerrando a mesma idéa, assignada pelo tambem grande poeta francez Henri Murger.

Como, nos surgem agora alguns leitores a indagar do verdadeiro autor dessa mimosa e bella producção litteraria, temos a declarar que fizemos propositalmente a publicação da segunda, afim de que fosse esse ponto elucidado, cabendo-nos accrescentar que o trabalho de Murger foi por nós copiado das paginas d' *A Republica,* publicada nesta Capital durante os annos de 1870 a 1872, e a de Guerra Junqueiro de uma revista illustrada, tambem desta Capital, cremos que *Dom Quixote,* publicada em 1890.

MODAS E MODOS

O INVERNO, o nosso delicioso inverno carioca, está a findarse e dentro de alguns dias teremos os primeiros indicios da approximação da estação calmosa que nos obriga ás *toilettes* ligeiras de fazendas leves e claras.

A seguirmos, como é da praxe rigorosa entre as elegantes de nossa terra, a moda e os usos da cidade Luz,

Vestido para passeio

Paris, a metropole do luxo, do bom gosto e da elegancia, teremos de preferir agora para confecção dos vestuarios o crepon e o taffetá, que são ainda os tecidos favoritos e a mousseline floristada, o linon, a cassa suissa e outras fazendas, muito adequadas ás toilettes de passeio para os dias quentes que não tardarão.

*

As saias continuam a augmentar a roda : temos á vista a photographia de

Blusa moderna

um "elegante" vestido de crépe da China, creação da afamada casa Decroll de Paris, cuja saia "bocca de sino" exageradamente ampla, faz-nos lembrar aquelles desgraciosos vestidos, que ha quasi um seculo fizeram as delicias dos nossos antepassados.

Acreditamos que já foi attingido o limite maximo da largura das saias e que, portanto, d'oravante, passarão a ter uma forma mais elegante.

Graciosa Blusa — Ultimo modelo

Não devemos esquecer de assignalar, aqui, uma particularidade dos vestuarios, quanto ás saias, e que consiste em terminarem os volantes ou a "barra" da propria saia, em pontas ou em bicos redondos ou agudos.

Esta novidade já cahiu no dominio das

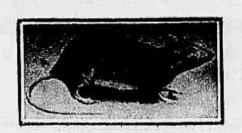
Toilette elegante para mocinha

nossas patricias e apresenta tendencias a divulgação.

Quer-nos parecer, porém, que essa moda só convem aos vestidos leves para meninas ou senhoritas.

***

Os chapéos continuam a augmentar as abas mas se apresentam com uma grande sobriedade de adornos.

O toucado passou a ser *cousa antiga*.

Elegantes costumes para passeio, ou visita confeccionados em gabardine, sarja, cheviotte, cachemire ou marquisette de cores escuras.
Os tecidos de lã devem ser preferidos, para passeio e os de seda para visita ou mesmo para outras cerimonias.

As ultimas creações de Paris: Quatro vestidos para senhoritas e que podem ser confeccionados em taffetá, crepon, linon ou marquisette e tres saias modernissimas em sarja, cheviotte ou tecido de lã genero escossez.

Saia-corpinho de pongé, ou batiste com entremeio e ponta de renda.

Pijama de flanella, listada para mocinha.

Camisa da noite de nanzuk rosa com entremeio e renda valenciana e touca de laise branca com rendinhas.

Calça-camisa de pongé em nanzuk azul claro, com rendinhas.

GRANDE PREMIO DR. FRONTIN

NO DERBY CLUB

Torneio Charadistico

Apuração do 1.º torneio: —

Colibri, Chrysanthéme d'O e Roitelet — 37 Pontos; Ailez, Cecilia Netto Teixeira, Farfalla Azzurra, Garota Nonicia, Jumeline, Mercês e Zilda — 36; Antonieta Mandarino e Melpomenes — 35; Myosotis e Verda Stelo — 32; Pasquinha — 23; Isabel I. Aguiar e Mar Dag — 20 e As Tres Graças — 19 pontos.

Votação do melhor trabalho:
Problema n. 36 de Roitelet — 15 votos;
Problemas ns. 1 a 8 de Colibri — 10 votos.
Problema n. 37 de Farfalla Azurra — 3 votos.

O nosso primeiro torneio foi além da espectativa e nelle tomaram parte vinte e cinco charadistas do bello sexo.

A peleja foi encarniçada e as nossas illustres e distinctas collaboradoras demonstraram ter optimos conhecimentos da arte de decifrar e muito preparo intellectual.

A's tres victoriosas Colibri, Chrysanthemo d'Or e Roitelet, os nossos parabens e nós as convidamos a decifrar, os problemas publicados neste numero, para o desempate.

Aquella que primeiro mandar as decifrações terá o premio do primeiro logar e a segunda terá forçosamente o segundo premio.

Roitelet, a heroica Roitelet, com o seu bello soneto — **Io** — conseguio obter, mui justamente, o premio do melhor problema. Sem desfazer dos demais trabalhos, incontestavelmente, esse soneto foi o melhor trabalho.

2.º Torneio

PROBLEMA N.º 41

Charada em anagramma

5 — 2 — Quem foi que disse que o peixe cantava pela garganta?

Garota Nonicia

PROBLEMAS Ns. 42 a 44

Charadas novissimas

Além do programma é de má qualidade e fóra do commum — 2 — 5.

Ivna

Apenas ficou sem cousa alguma deu para beber deste vinho — 1 — 3

Junulino

Cabo de cavallaria? Em tempo nenhum! . . . — 1 — 1.

Euterpe

PROBLEMAS Ns. 45 a 47

Charadas syncopadas

Vivo triste padecendo
Nesta grande solidão,
E pouco a pouco morrendo
Sem gosar estimação — 3 — 2.

Rosa Pernambucana.

Esta mulher é minha irmã — 3 — 2

Zilda

E' homem pouco commum — 3 — 2

Mar Dag

PROBLEMAS N.s 48 a 49

Charadas casaes

O quadrupede é peixe? — 3

Farfalla Azzurra.

Ficou immovel por ter levado um tombo — 2

Melpomenes.

PROBLEMA N. 50

Charada néo-bisada

Rei é fructo na arvore fructifera? —

Cecilia Netto Teixeira.

Antenor Salmieri
nossso distribuidor no Largo do Estacio de Sá, um bom auxiliar do "Jornal das Moças".

Correspondencia: —*Selene* — Inscripta, com muita satisfação. Aguardamos os vossos bellos trabalhos.

Rosa Pernambucana — A illustre e distinctissima collega tem nesta casa um logar de destaque. Agrada-nos immenso a vossa preciosa collaboração.

Stella Garcia — E' favor mandar-nos o vosso nome, residencia e as decifrações dos trabalhos que nos enviastes.

Menina de Chocolate. Roitelet, Senhorita Izabel Paula Aguiar, Zilda, Euterpe, Melpomenes, Pasquinha, Cecilia Netto Teixeira e Garota Nonicia. — Recebemos e aguardamos trabalhos.

Orama.

COUPON
Torneio charadistico para moças.
Voto no problema n.º ....

COUPON
Torneio Charadistico para moças.
15 — 8 — 915

A MULHER NA PUBERDADE

ORNADA de todas as graças da mocidade, em pleno desabrochar da primavera da vida, a mulher é a mais bella das creaturas.

Vêde com que profusão a natureza a cumulou dos dons mais preciosos e encantadores! Que delicadeza de formas, que pureza nas suas linhas arredondadas! Nem a mais leve sombra de malicia paira em seu puro olhar. Por toda a sua carnação assetinada e ondulando com graça e frescor nem a mais leve saliencia contraria á esthetica desse perfeito sêr.

LARGO DO MACHADO—A entrada para a igreja.

O tecido cellular, no seio do qual repousam os musculos, os tendões, apaga as reintrancias e arredonda os angulos. Um sangue róseo empresta ao branco tecido que o reveste as mais ternas e mais delicadas tintas.

Admirae este rosto encantador em que brilham ao mesmo tempo a mais angelica doçura e mais accentuada força magnetica da belleza!

Vêde como descem por sobre as suas bellas espaduas os cachos fluctuantes da sua longa cabelleira que, com suas ondas, lhe banha o corpo inteiro. Véo encantador, o primeiro de que o pudor dispõe e que lhe empresta sempre, com o mais seductor attractivo, a mais perigosa protecção.

Sobre esta fronte unida, ainda não sulcada pelo sombreado de uma ruga, destacam-se a innocencia, a calma, a pureza da alma, o frescor de suas illusões. Todas as seducções, todo o poder da belleza, a natureza reuniu nesse olhar de fada que parece, sob sua longa e movel palpebra, pertencer a algum cherubim celeste. Doçura, ternas supplicas, esperanças, sonhos de amor e de um futuro sem mancha, tudo se espalha nesse olhar divino.

E' sob esse olhar terno e humido que não tardarão a vir agrupar-se todos os vivos fogos do coração e librar-se todos os pensamentos, consolar-se todos os amargores, não diremos ainda surgir todos os soffrimentos da vida humana e fanar-se todas as illusões dos mais doces sonhos de amor.

Esse branco e lindo rosto só nos mostra agora sorrisos que entreabem essa bocca vermelha como uma flor dos campos no seio da qual o orvalho do céo teria semeado as perolas brancas mais puras.

Vêde esta linda cabeça a balançar-se suavemente sobre columnas mais brancas do que a neve, mais polidas do que o marmore e flexiveis como um pescoço de cysne. Vêde como esse esculptural pescoço se perde negligentemente pelas linhas ondolosas das espaduas!

Nem uma prega, nem a menor aspereza, nem a mais vaga saliencia lhe altera a pureza quasi ideal.

O tronco esbelto e elegante parte das ancas arredondadas como uma haste de lyrios. Mas sempre a curva graciosa e fluctuante a casar-se harmonicamente ás fórmas nos brandos caprichos das suas dobras delicadas.

Os braços carnudos e roliços; a mão pequena, afilada; as extremidades inferiores, embora mais avessas á proporção, ainda assim apresentam sempre a delicadeza da forma e a pureza das curvas, e o pé, em que terminam, gracil, igual á pequenhez da mão, revela, como esta, como todas as partes do corpo, o destino que lhe dera a natureza.

Eis a mulher na puberdade, dominando pela graça, pela delicadeza, pelo encanto da sua formosura e pela propria fraqueza, que, em sua timida graciosidade, parece estar a pedir sempre o auxilio de seu companheiro da jornada pela vida.

Sylvio

As senhoritas Olga Lindner de Iracêma Gomes e Lincolnina Astréa de Iracêma Gomes, cirurgiãs-dentistas, participaram-nos a abertura do seu consultorio para tratamento das molestias da mucosa bucal e cirurgia dentaria, em geral, para senhoras e crianças, a rua Uruguayana, 31 (sob).

LARGO DO MACHADO—Depois da missa

NOVO FOLHETIM

Terminando hoje o bello e emocionante romance "Amo-te", que sabemos ter agradado immensamente aos nossos leitores, daremos inicio, no proximo numero, á publicação de uma interessante novella.

"CONFISSÕES DE UMA VIUVA MOÇA"

cuja acção que se desenrola nesta capital é de um enredo attrahente e muito verdadeiro. E', sem exagero, um mimo de litteratura nacional, que temos certeza, agradará a todos e, principalmente, ás nossas leitoras.

SERENATA AO LUAR
VALSA
Por Francisco Escudero
PIANO
Com alma
PP
F
cresc

1ª.
2ª.
F
PP
FIM
P
cresc..........
D. C. ao 𝄋

Sta. CLARA BASTOS, residente em Itajahy - Santa Catharina

A LAGRIMA

DEDICADO A QUEM MUITO ESTIMO

Certo, um dia ouviste que a lagrima, ao rolar nas faces de quem chora, costuma escaldar, fazer sulcos, desfigurando as feições do rosto, que tem graça e belleza.

Em mim, a lagrima que brota em silencio, desce brandamente e age como um balsamo refrigerante, como um lenitivo, que minora atrozes soffrimentos e dôres findas...

Em outros, talvez em ti mesma (quem sabe?) a lagrima terá uma acção destruidora, porque ella salta muitas vezes pela explosão vinda da luta, dessa luta cruenta que estala no intimo de quem tem o pranto no desespêro de não vencer, ou na ancia de se não vingar.

Em mim, ella conforta, e muito porque eu cedo ao imperio dessa lei, que permitte encontrar allivio na lagrima suave e branda, que vagarosamente desce para me reanimar, alentando-me e dando-me forças de vencedor, neste angustioso soffrer quasi perenne, que chega a fazer desanimar!..

A quem quer que seja, a lagrima de um dia ou de um instante, damnifica mais do que o trabalho de um anno; a mim, o trabalho material de um dia poderá fazerme-me abatido ou fatigado de mais, do que se a lagrima estivesse ininterruptamente a rolar-me pelas faces, deslisando como perolas de allivio ou como gottas de orvalho acariciador.

Donde vem esta loucura, que me leva a amar tanto a lagrima, a companheira meiga e inseparavel nos momentos da minha meditação, quando falo sósinho comigo mesmo, no silencio da alcova, recordando coisas... que se foram?

E' que ella vem trazer-me nesses instantes prolongados do silencio a compensação esperada e certa, porque jámais me foi dado pensar em vencer. Vencer para que?

Os maus choram não com uma só lagrima, mas com torrentes dellas: debulham-se em catadupas de lagrimas e nem sempre encontram consôlo, porque o que guardam seus corações nada mais faz que determinar o copioso pranto, que não vale a suavidade de uma lagrima, como a lagrima que verto, companheira meiga do silencio e da meditação!..

Sei que não sou um bom, mas nem por isso chóro: apenas de vez em vez uma lagrima róla suave, consoladora; deslisa-me docemente pelas faces; dá-me a certeza de que é nella, sómente nella, que se vae uma porção de amargas recordações, de acerbas angustias, de dolorosas remeniscencias, que para consolação minha se apagam ou se desfazem, ao chegar da lagrima que róla e róla devagarinho...

Quando na confabulação com os outros homens trago nos labios o sorriso, no rosto a alegria, o encanto de minha alma, é que deixei descansar por algum tempo a lagrima; e ella descansa, emquanto desfarço agruras e dôres, para, no silencio e no repouso, quando ninguem mais me ouve, senão o Ente Consolador das almas soffredoras, poder desprenderse cauta, carinhosamente, alliviando-me do pêso das turturas que me traz esta saudade por te não vêr sempre ao meu lado!

Quizera que os nossos colloquios nunca se interrompessem, porque a minha existencia se refaz, ouvindo-te contar factos de tua menice, episodios de tua vida, coisas que sabes referir com graça; e quando me recitas versos que burilas, como os melhores poetas da minha terra, chego a pensar que a vida para mim se passa numa felicidade sem fim, pois a graça que tens se esparsa por todo o ambiente, porque vem de ti, está no teu sorrizo, no teu olhar, no gesto, na voz, em tudo que é teu; e eu percebo que tens uma alma que attrahe sentimentos eguaes aos que experimento; mas nesta ancia invizivel de ouvir-te sempre, sentir-te ao meu lado para cantar os nossos psalmos, deleitando-nos em extasis pela permuta segura e nunca mentida do affecto, dá dedicação do extravasamento de nossas almas, ah!.. ninguem saberá nunca avaliar quanto me acalenta uma lagrima, uma só, quando desce suave e refrigerante pelas faces... sómente por te não vêr sempre e sempre!..

Eu te bemdigo e acaricio, lagrima abençoada pelo bem que me trazes!

L. de Assis.

Sta. ARGENTINA VALLADARES, residente em Juiz de Fóra

SOLIDÃO

(Guy de Maupassant)

FORA depois de um jantar de homens. Reinava muita alegria. Um delles, velho amigo meu, disse-me :

— Queres subir a pé a avenida Campos-Elysios ?

E partimos, seguindo lentamente o longo passeio. Debaixo das arvores, revestidas de raras folhas, nenhum outro barulho, a não ser o ruido confuso e continuo de Pariz.

Um vento fresco perpassava pelo rosto, e a legião de estrellas semeava o negro céo de um pó de ouro.

Meu companheiro ia dizendo :

Não sei por que razão respiro melhor aqui do que em outras partes. Parece-me que o meu pensamento se alarga. Tenho, por momentos, essas especies de clarões no espirito, que fazem acreditar, durante um segundo, que se vae descobrir o divino segredo das cousas. Depois, a janella se fecha. Acabou-se.

De vez em quando viamos deslizar ao longe dos canteiros duas sombras; passámos por um banco onde duas pessoas, sentadas juntas, faziam uma mancha escura.

Meu visinho murmurou :

— Pobre gente !

Não é nojo, que me inspiram, mas immensa piedade. Entre os mysterios da vida humana, ha um que desvendei ; o grande tormento da nossa existencia provem de estarmos eternamente sós e todos esforços, todos os actos, que praticamos, não nos levam sinão a fugir a essa solidão.

Aquelles, esses amantes dos bancos em pleno ar, procuram, como nós, como todas as creaturas, fazer com que cesse esse isolamento, pelo menos, durante um minuto; mas ficam, ficarão sempre isolados. Outro tanto nos acontece.

Percebe-se isto mais ou menos.

Desde algum tempo, supporto o abominavel supplicio de haver descoberto a medonha solidão em que vivo, e sei que nada pode fazel-a cessar, nada, ouves ? Por mais que tentemos, por mais que façamos, por mais forte que seja o impulso de nosso coração, o apello aos nossos labios, o enlace de nossos braços, estamos sempre sós.

Convidei-te hoje para este passeio, afim de não voltar para casa, porque soffro horrivelmente agora na solidão do meu quarto. De que serve, entretanto, a tua companhia ?

Bemaventurados os pobres de espirito, diz a Escriptura, têm a illusão da felicidade. Esses não sentem a nossa miseravel, a nossa triste solidão ; não, erram, como eu, na vida, sem outro contacto sinão o exterior, sem outra alegria sinão a satisfação egoista de comprehender, de ver, de adivinhar e soffrer sem fim com o conhecimento do nosso eterno isolamento.

Achas-me um tanto louco, não é assim ?

Escuta-me. Desde que senti a solidão do meu sêr, parece-me que mergulho, cada dia mais, em subterraneo sombrio, cujas paredes não acho, cujo termo não conheço e que talvez não tenha fim ! Entro por elle sem ninguem commigo, sem ninguem em torno de mim, sem um ente vivo fazendo esta mesma jornada tenebrosa.

Esse subterraneo é a vida. Ouço, ás vezes, reunidos, vozes, gritos .. e adeanto-me, ás apalpadelas, para esses rumores confusos.

Mas nunca sei ao certo de onde partem ; nunca encontro ninguem, nunca acho uma outra mão nas trevas que me rodeiam.

Comprehendes-me ?

Alguns homens, entretanto, adivinharam esse soffrimento atroz.

Musset exclamou :

— «Quem se approxima ? Quem me chama ? Ninguem.

«Estou só. E' o relogio que bate. O' solidão ! O' pobre estio!»

Nelle, porém, havia apenas uma duvida passageira e não uma certeza definitiva como em mim. Era poeta; povoava a vida de phantasmas e dos sonhos. Nunca estava verdadeiramente só. Mas eu estou sempre !

Gustavo Flaubert, um dos maiores desgraçados deste mundo, porque era um dos mais lucidos, escreveu a uma amiga esta phrase desesperadora : «Estamos todos num deserto».

Ninguem comprehende outrem.

Ceará — Senhorita Consuelo de Carvalho Rocha, filha de D. Mocinha de Carvalho Rocha

Não! ninguem comprehende os outros, por mais que se pense, se diga e que se tente.

Sabe por ventura a terra o que se passa nessas estrellas, que vemos lançadas pelo espaço, como grãos de fogo, tão longe que só avistamos a claridade de algumas, quando, entretanto, está perdida no infinito a innumera legião das outras, tão unidas, que formam talvez um todo, como as moleculas de um corpo?

Pois bem, o homem pouco mais sabe do que se passa noutro homem.

Estamos mais longe uns dos outros do que esses astros; mais isolados, sobretudo, porque o pensamento é insondavel.

Conheces cousa mais terrivel do que este continuo contacto de sêres, que não podemos penetrar?

Amarmo-nos como se estivessemos encadeados, perto uns dos outros, de braços estendidos, mas sem conseguir tocar-nos!

Uma torturante necessidade de irmão persegue-nos, mas todos os nossos esforços ficam estereis, nossos abandonos são inuteis, nossas confidencias infructiferas, nossos enlaces impotentes, nossas caricias sem resultado. Quando queremos fundir-nos os impulsos de um para outro, só nos fazem esbarrar de encontro a outro ente.

Nunca me sinto mais só do que ao entregar o meu coração a algum amigo, porque melhor comprehendo então o insuperavel obstaculo.

Esse homem está aqui ; vejo seus olhos claros, pousados em mim, mais a sua alma, que está como que por traz delle, não a conheço. Elle me escuta. Que estará pensando? Sim, que estará pensando? Não comprehendes este tormento? Odiar-me-á elle talvez? ou despresa-me, ou escarnece de mim? Reflecte no que digo, julga-me, acha-me tolo ou mediocre? Como saber o que elle pensa? Como saber se elle gosta de

mim como eu gosto delle? E o que se agita na sua pequena cabeça redonda? Que mysterio é o pensamento impenetravel de um sêr, o pensamento occulto e livre, que não podemos conhecer, nem dirigir, nem dominar e nem vencer!

Quanto a mim, debalde quero dar-me todo inteiro, e abrir todas as portas da minha alma. Jamais consigo entregar-me. Guardo no fundo de mim mesmo o recanto secreto do *Eu*, onde ninguem penetra nunca.

Ninguem póde descobril-o nem ahi se insinuar, porque ninguem comprehende ninguem.

Comprehendes-me tu, ao menos, nesse momento? Qual!

Tu me julgas louco! Examinas-me e precaucionas-te contra mim. Perguntas até a ti proprio: — Mas que tem elle esta noite?

Si, porém, chegares um dia a entender, a adivinhar o meu horrivel e subtil soffrimento, vens dizer unicamente: *Comprehendi-te!* Tornar-me-ás feliz, um segundo talvez.

São as mulheres que me fazem perceber ainda mais a minha solidão.

Miseria! Miseria! Como soffri por ellas! porque me deram, muitas vezes, mais que os homens, a illusão de não estar só!

Quando entramos no amor, parece que nos engrandecemos. Invade-nos uma felicidade sobrehumana!

Sabes porque?

Sabes donde vem essa sensação de immenso contentamento? Unicamente de imaginarmos que cessou a nossa solidão.

O isolamento, o abandono do sêr humano parece cessar com a posse da mulher amada. Que erro!

Mais torturada ainda que nós por esta eterna necessidade de amor, que róe nosso coração solitario, a mulher é a grande mentira do sonho.

Conheces essas horas deliciosas passadas frente a frente com esse ente de longos cabellos, de traços fascinantes e cujo olhar nos enlouquece?— Que delirio perturba nosso espirito! Quanta illusão nos arrasta!

Parece-nos que ella e eu vamos daqui a pouco constituir um sêr apenas. Mas esse daqui a pouco nunca chega, e, depois de semanas de espera e de alegria enganadoras, torno a acharme de subito, um dia, mais só do que nunca o tinha estado.

Depois de cada beijo, depois de cada caricia, o isolamento cresce.

E como elle é doloroso, exasperante!

Um poeta, Sully Prudhomme, escreveu:

> Les caresses ne sont que d'inquiets transports,
> Infructueux essais du pauvre amour qui tente
> L'impossible union des âmes par les corps...

E, depois, adeus. Acabou-se. Apenas mal se reconhece a mulher, que foi tudo para nós, durante um momento da vida e cujo pensamento jámais chegámos a conhecer — pensamento intimo e talvez banal!

Quanto a mim, agora fechei minha alma. Não diga nada a ninguem o que creio, o que penso, o que amo. Sabendo-me condemnado á horrivel solidão, olho para as cousas sem jámais emittir o meu juizo. Que me importam as opiniões, as disputas, as crenças e os prazeres!?

Nada podendo partilhar com ninguem, desinteressei-me de tudo. Meu pensamento, invisivel, permanece inexplorado. Tenho phrases banaes para responder a interrogações de cada dia, e um certo sorriso que diz: «sim» quando nem mesmo quero dar-me ao trabalho de fallar.

— Comprehendes-me?

Tinhamos subido a longa avenida até ao Arco do Triumpho; depois, tinhamos tornado a descer até á praça da Concordia, pois elle tinha enunciado tudo isto lentamente, accrescentando ainda outras coisas de que me não lembro.

Bruscamente, parou e, estendendo o braço para o alto obelisco de granito, de pé sobre as calçadas de Pariz, e que perdia, no meio das estrellas, seu alongado perfil egypcio, monumento exilado, trazendo no flanco a historia do seu paiz, escripta em extranhos caracteres:

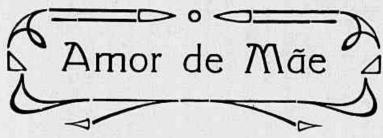
—Meu amigo, exclamou, olha, somos todos como esta pedra!

E depois, deixou-me sem ajuntar uma palavra.

Estaria ébrio? Era um louco? Era um sabio?

Ainda não sei. A's vezes me parece que elle tinha razão; outras vezes me parece que tinha perdido o espirito.

Ribar

Photographia tirada por occasião do 50º anniversario natalicio do Sr. Firmino Francisco Lopes, capitalista residente á rua Parahyba, nesta capital

N'aquelle turbilhão que é o theatro por dentro, cheio de vida e de ruido, movimentado e febril, Elvira, que ha muito tempo não entrava na *caixa* d'um theatro, não sabia como orientar-se. Conservava — é certo — uma ideia muito vaga, longiqua mesmo. Estavam então os camarins... Mas para que esforçar a memoria? Dirigiu-se ao porteiro e, timidamente, perguntou:

— Póde indicar-me o camarim da sr." D. Iréne? Elle retorquiu, bruscamente:

— Não sei. Pergunte ahi em cima. — E apontou uma escada estreita e alta que levava ao corredor por onde se estendiam os camaris.

Tremeu e até se sentiu acobardada n'aquelle ambiente. Uma corista, trajando á fadista, calça apertada, sombreiro branco, melenas cahidas e cigarro ao canto da bocca, n'um ar *canaille*, approximou-se. Elvira repitiu amavelmente a pergunta:

— A D. Iréne? E' na primeira porta á direita. Não é facil confundir-se. Agora está ella recebendo as felicitações dos admiradores...

" FAVITA "
Intelligente filhinha do
Snr. Alberto Barbosa dos Santos

O menino João, filho do Snr. Antonio Barbosa Ribeiro commerciante nesta praça

Era verdade. Banqueiros, criticos, uma fila enorme de admiradores desfilavam pelo seu camarim, dando felicitações, tecendo-lhe os mais encomiasticos elogios. Entre o zumbido da colmeia aduladora, emergia o riso de Iréne e a sua voz de timbre crystalino e suave que se desfazia em mil rutilancias, contestando os elogios que lhe dispensavam.

— Mas meu Deus... Vossencias são exageradamente amaveis... Embaraçam-me... E o que fiz não merece os elogios com que me distinguem...

Subito a sua cabecita graciosa assomou á porta do camarim e por entre a multidão avistou Elvira que, ruborisada, esperava a vez de fallar-lhe:

— Elvira... Eras tu?... Entra para aqui...

E logo o eterno sorriso a bailar-lhe nos labios, com uma graça irresistivel, despediu gentilmente todos:

— Senhores, peço perdão...' tenho de me vistir para o ultimo acto...

Quando se viu livre do enxame de adoradores, Iréne exclamou:

— Tu por aqui! Que alegria me dás!

— Pensava em adiar para ámanhã esta visita. Iria a tua casa. Mas não tenho tido paciencia. Meu marido não me queria acompanhar. Por fim, convenci-o e cedeu. Desejava tanto vê-te, felicitar-te! Que famoso triumpho o teu, minha amiga. Com que brilhantismo converteste em realidade os nossos sonhos de gloria!

— Não fallemos n'isso. Trabalhei muito mas par fim venci. O mesmo te aconteceria se tivesse insistido. Elementos tinha-os tu de sobra. O que te faltou foi a perseverança. E, minha amiga, a perseverança na vida é a razão de tudo.

— Faltou-me o valor. Eu era pobre... A lucta pela arte exige uma tenacidade, que, na minha situação, representavam as privações, as amarguras. Houve um homem que certo dia se cruzou no meu caminho pintando-me uma existencia tranquilla, desafogada, toda côr de rosa, longe d'este movimentado bulicio que causa nauseas... Acceitei e renunciei a todas as ambições de gloria que ferviam no meu cerebro. Emfim, não sei se fiz

Renato, interessante filhinho do Snr. Joaquim Freitas B. Silva.

mal ou bem... —Fizeste bem, sobretudo se és feliz—accentuou Iréne.

— Sim... sou... E' claro que d'uma maneira muito diversa da que idealisára... Viver na obscuridade, entre quatro paredes, n'um recanto de provincia, quem imaginou, como eu, atravessar o mundo entre tapetes de preciosas flôres e o ruido estonteante das acclamações... oh! A principio revoltava-me contra o que pensava uma injustiça e crueldade de meu marido. Depois habituei-me. Hoje a minha casa, a que não falta o mais pequenino conforto, e os meus filhos, duas encantadoras creanças que teem nas faces a frescura d'uma madrugada de Maio, constituem as minhas unicas preoccupações. Se te recordo isto, amiga, é porque te vejo e me sinto feliz ao teu lado. Dez longos annos sobre o passado adormecido, que resurge agora dentro da nossa alma. Dez annos... Mas fallemos de ti... Não te perguntarei se és feliz? Quem não o seria no teu caso?

Ouve uma pepuena pausa. Do rosto mimoso e rosado de Iréne, onde dois olhos muito brilhantes reluziam, desappareceu aquelle seu habitual sorriso que lhe illuminava a expressão.

— Será possivel? Não serás feliz? interrogou Elvira.

— Não; não o sou. Se a felicidade consistisse nas adulações e lisonjas, nos applausos que ha pouco tiveste occasião de ouvir, não haveria duvida de que seria muito feliz. Mas infelizmente isto não constitue mais do que um aspecto da vida... Tu tens uma posição; eu não...

— Poderias têl-a. Parece que não é incompativel com a arte...

— Para mim é. Ha seis annos, já no pleno triumpho, da minha carreira artistica, casei-me. A conducta que desde o primeiro dia meu marido teve... enojou-me. Poucos mezes depois do casamento, divorciamo-nos ruidosamente... Houve uma menina, que foi o lenitivo para as minhas magoas. Mas o infame não descançou emquanto não m'a arrebatou, judicialmente. Longe de mim se está criando, recebendo uma educação talvez superficial, sem os meus carinhos de mãe, aprendendo — quem sabe? — a odiar-me... Já vez se poderei ser feliz, apezar d'estas apparencias illusorias...

Uma voz estridente resoou;

— Está prompta, Srª. D. Iréne?

Iréne seccou as lagrimas n'um pequeno lenço de seda e rendas de Malines, e, sobresaltada, ergueu-se.

— Meu deus! Distrahi-me e ainda não estou vestida. Vês? Vivemos escravisadas pelo publico. Hoje não nos nega a sombra d'um applauso; e amanhã succederá o mesmo? Ah! Acredita... A vida de theatro é uma vida de inquiétitude, de continuo sobresalto... E' um sonho côr de rosa, anciando sempre pelos clarões doirados de gloria. Em boa hora renunciaste, minha amiga, aos seus afagos lisongeiros. E agora adeus, Elvira. Sê feliz. Recorda-te de mim algumas vezes. Não me esqueças nunca.

* * *

No corredor, Affonso, o marido de Elvira, esperava-a já, impaciente, nervoso, remordendo a ponta da boquilha.

— Vamos! Pensava que não sahias hoje Vamos perder o principio do terceiro acto — insinuou Affonso.

— Não me importa. Não me encontro bem.

— Queres que vamos para casa?

— Sim, sim.

O marido teve um sorriso malicioso.

— Reviveste as lembranças do passado. Vieram as saudades. Soffreste!

— Não é isso... Contar-te-ei depois.

Caminhavam ligeiramente. Elvira, envolta no seu abrigo de theatro, tiritava de frio. Affonso, continuava fumando, agasalhado n'um luxuoso *pardessus* de pelles.

Logo que entraram no hotel, Elvira correu as escadas n'um momento. Entrou no quarto e precitou-se na alcova onde os seus dois filhos dormiam risonhamente e beijo-os, soluçando, freneticamente.

— Que significa isto? Não vês que os accorda? disse o marido. Mas ella não o ouvia. Beijava as creanças, chorando e rindo. Era o amor de mãe que palpitava com toda a intensidade, no intimo do seu coração. Sentia-se feliz. Estar junto de seus filhos, n'um recanto obscuro do mundo, ter a seu lado essas duas creanças, que eram o enlevo da sua vida, — como era preferivel a toda a gloria ephemera do theatro!

Galantes filhinhos do Dr. Balthazar Dias

E Elvira experimentou um sentimento de piedade pela sua infortunada amiga! Pobre Iréne! Que desventura immensa: como trocarias por um beijo da tua filhinha todos os applausos d'essas plateias, toda a gloria da tua arte!

Porto — Junho de 1915.

Mario de Figueiredo.

Uma do Lulu

Lulú, que conta cinco primaveras,
Ao grande Pedro Malazartes ganha
Em se tratando de árdega façanha.
Sobe nas arvores, amançando feras.

E os proprios maribondos das taperas
Fogem ao verem-n'o, e elle os acompanha.
Ao pae fez hoje esta pergunta extranha:
"Deixa eu casá com a vovó?" — Deveras?

— Gosto della e é de mim que a vovó gosta.
— Que maluquice, filho! — disse o pae —
Pois queres ti casar com minha mãe?!

E Lulu deu-lhe então esta resposta,
Franzindo as sobrancelhas: Huê! papae!
«Pois ossê não casou com a mamãe?»

B. H. 10—10—1914.

Campos do Valle.

AVENTURA DE CINCO CARNEIROS

Vou contar-vos a historia de cinco carneiros.

E' preciso que primeiramente saibais que ao centro d'uma planicie havia um precipicio fundo e bastante perigoso o qual tinha uns 20 metros de profundidade e em cujas paredes crescia verde e viçosa a relva.

Era conhecida pela Cova da Desgraça.

A planicie era dividida em cinco partes as quaes terminavam na referida Cova.

Imaginai uma grande roda irregular donde partem cinco raios, tendo os seus limites nos cincos campos.

Estes cinco campos pertenciam a cinco pobres velhas que nada mais possuiam além delles que uma cabana e um carneiro.

Chamavam-se estas Joana, Joaninha, Joanita, Joaneta e Joanéca.

Os carneiros tinham o nome de Bé, Bé-Bé, Belar, Lainar e Trotinar.

Como vos disse, os cinco campos terminavam na "Cova da Desgraça" e as cinco velhas Joana, Joaninha, Joanita, Joaneta e Joanéca preocupavam-se muito com isso.

"O meu Bé é tão estupido que será capaz de cair na cova"! dizia Joana.

Então lembrou-se de collocar dois páos á beira do precipicio e nestes um cordel.

Bem! agora o meu Bé, vendo o cordel, afasta-se! diz a velha retirando-se muito satisfeita.

Ao contrario Joaninha raciocina: "O meu Bébé é muito mais intelligente que o Bé da Joana. E' um carneira sábio, aprendeu a ler . . .

Vou collocar simplesmente um aviso. Nisto enterra uma estaca de madeira, prega-lhe outra em cruz com estas palavras escriptas a carvão "Acautela-te!"

Em seguida afasta-se descançada.

Joanita discorria: "Eu nada tenho que temer por Bélar. Meu pai intelligente e sabio como era já em tempo poz uma barreira á borda do abismo: bem sei que deixou uma abertura para quando quizesse passar para o outro lado, mas Bélar é muito medroso para se atrever a tanto.

E assim Joanita deixou-se ficar tranquilla em sua casa.

Joaneta com ironia: Oh! estas pobres mulheres fazem-me rir com as suas precauções! Se era um cordel, uma taboleta, ou mesmo esta barreira, que poderia impedir a um carneiro saltar para o outro lado!

Ah! ah! ah! fazem-me rir com gosto! Lainar bem deve ver o perigo sem ser preciso apontal-o.

Assim Joaneta, cruzando os braços, senta-se á porta.

Mas Joanéca tinha em logar de um carneiro uma ovelhinha, Trotinar, e esta dois cordeirinhos Trotinó e Trotiné de pello branco ondulado, lindos e espertos. Joanéca não se cançava de os ver correr á direita e á esquerda da mãe, que de tempos a tempos, ao tocar-lhe com o roliço focinho, parecia dizer-lhes: "Sede prudentes!"

"Ah! minha pobre Trotinar, pensava Joanéca."

Tu não cairás na cova, mas como poderás impedir que caiam os teus filhinhos tão pequeninos e inexperientes!

E' preciso quanto antes que um muro seja levantado no meu campo, á beira da cova. Ser-me-á dispendioso mas se eu perder os cordeirinhos e com elles a mãe, ainda o prejuizo será maior.

E mettendo mãos á obra, em poucos dias um muro com 4 metros de comprimento e 2 de altura estava construido. Trotinar, Trotiné e Trotinó podiam agora á vontade brincar sem correr o perigo de se precipitarem na cova.

Assim despreocupada, fazia o seu jantar quando uns gritos aflictivos a interromperam.

Veio á porta.

Era Joana gritando:

Meu Bé que se esqueceu de olhar para o cordel!

No mesmo instante, Joaninha atravessava o campo como um dardo dizendo:

Meu Bébé que não viu o aviso!

Joaneta gritava: "Bélar, meu Bélar não passes a abertura! Mas as patas trazeiras do animal desappareciam pela abertura.

Joaneta, essa retirava-se do logar, onde o drama se havia consumado, Lainar, tentado pela fresca e abundante erva que crescia á beira do abismo, tinha-se approximado e resvalado. Jazia agora no fundo.

A minha lã! A minha rica lã! eram os seus lamentos e para conformar-se dizia: "Eu nunca tive sorte!"

Assim Joana, Joaninha Joanita, Joaneta lamentavam-se e Joanéca para as animar promettia a cada uma um cordeirinho.

Não podiam comprehender como tendo todas collocado um aviso só Joanéca tivesse salvo os seus.

Que quereis!? Ha pessoas que não comprehendem mais!...

Para os pequenos ficarei por aqui. Para os adultos ajuntarei uma explicação á parabola.

* * *

Que significaria o cordel ao longo da beira da cova?

São vagas advertencias dos que dizem: "Evidentemente, o alcool é pernicioso e a causa de lamentaveis desastres..."

E a taboleta ou aviso que o carneiro sabio deveria ler?

São os jornaes, as conferencias, os discursos que serão impotentes para reter o homem á beira do abismo.

E a barreira onde havia uma abertura? Ah! Meus amigos esta barreira é a moderação, a sua abertura, a primeira ocasião . . . uma excepção . . . o sufficiente para resvalar para o abismo.

Quanto á Joanéca, dir-vos-ei que conhecendo o perigo e prevendo as consequencias, pratica e intelligentemente, as evitou.

Mas, meus amigos, é assim a quarta parte da humanidade. Tantos desprezam os avisos, as advertencias, approximam-se da extremidade dos abismos e, eil-os perdidos.

Depois, ouvem-se os lamentos: "eu nunca tive sorte!"

Joanéca, a sua ovelha e os seus cordeiros, são as abstinentes; e o alto e solido muro, uma forte vontade, dominando vicios, vencendo habitos perniciosos.

Trad.

MENINOS ORIGINAES

Rompera a aurora, naquelle instante em que Leonel Ribeiro deixára de existir.

A esposa, inconsolavel, jurára não mais casar. Sem filhos, adivinhava eterna a sua dôr, pois nem ao menos possuia um parente. Viuva e pobre, resolveu tirar os meios de subsistencia do proprio trabalho, que seria arduo pela exigencia fatal das circumstancias e, sobretudo, pela feição bondosa do seu caracter honestissimo. Joven ainda e bastante formosa, cumpria sem fadiga o juramento que fizera.

Um dia claro e magnifico de Setembro, um desses dias em que o céo offerece todos os esplendores da primavera radiosa e que a atmosphera parece inteiramente purificada, a viuvinha recebeu uma carta que muito a animou.

Um pae consciencioso e franco, desejava fosse a pobre moça preceptora dos seus filhos "os quaes, dizia a carta, meninos ainda timidos, preferiam a influencia do espirito feminino, ao rigorismo de um professor rabugento". Além de uma lenga-lenga promissora que fez estremecer de alegria a viuva.

Depois de infinitas reflexões, Laura — assim se chamava a viuvinha — resolveu annuir ao convite. Por isso, uma tarde partiu em demanda da residencia do desconhecido senhor.

Resolvida a trabalhar com afinco, Laura teve, entretanto, o presentimento de que não seria feliz naquella casa. Tres vezes esteve para retroceder, porém tres vezes se lembrou de que se encontrava em difficuldades e que precisava aventurar.

Recebida delicadamente por uma creada preta, de olhos esbugalhados e voz avinhada, sentou-se.

Ficando só, relanceou curiosissima os olhos pelo ambiente; a sala era luxuosa mas nem um vislumbre de gosto artistico. Laura começou a sentir constrangimento.

Appareceu um velho alto, esqueletico e exotico.

Galantemente, comprimentou a viuva entrando logo no assumpto:

— Desejo que ensine aos meninos. São dois, minha senhora, doceis e cordatos. Tenho a certeza do seu preparo e sobretudo da sua energia como preceptora...

Levantou-se arrastando os pés, fazendo um ruido insolito e uniforme, gritando rouquenho para o interior da casa:

— O' Josepha, chama os meninos...

Promptamente obedecido, appareceram á porta os dois meninos.

Laura quasi teve uma syncope. Os dois meninos, interessantissimos na verdade, eram homens de bigode farto e musculosos como os assiduos amadores dos "sports".

O espanto da viuva foi tal, que o velho notou.

— Minha senhora, disse elle prudentemente, esses "meninos" estão muito atrazados, por isso escolhi uma professora. De um homem teriam vergonha de certo...

— Mas, eu não posso exercer rigor com os rapazes... Acho inutil qualquer tentativa minha.

— Oh! absolutamente; nada receie. São muito bons esses meninos.

— São embecis sem duvida, pensou a pobre Laura.

Mas o velhote de tal maneira deitou o verbo, que conseguiu fechar o contracto.

— Os meninos querem ser academicos a todo custo, proseguia o velho esfregando as mãos satisfeito, todo risonho. Estão atrazados é verdade, mas... são muito intelligentes... muito mesmo; a senhora não imagina! Mais um empurrãosinho e estarão lá...

— Lá, aonde? perguntou a viuva.

— Em qualquer academia...

Hypocritamente acanhados, os moços ainda estavam de pé.

O velho offerecia duzentos mil réis pelas explicações e Laura extremamente commovida com tamanha felicidade, ergueu-se promettendo voltar no dia seguinte.

*
* *

Na primeira aula a viuva quasi morreu de susto.

Os meninos mal sabiam lêr!

A docilidade decantada se revelou pelos cochichos e pilherias que aborreceram devéras a viuva.

Horacio e Jorge formavam o **duo** da ignorancia e do cynismo.

Laura pensou em não voltar mais áquella casa, porém o velhote havia pago adeantadamente o seu supplicio e, necessitada como se achava, era impossivel a desistencia.

A segunda aula foi uma verdadeira calamidade! Bocejos infinitos, risadinhas de debique e a lição... nem patavina.

Laura estava no auge da furia, mas que fazer?

Quando findou o mez, o velho apparece galante como sempre para com a viuva.

— Como vão as creanças? perguntou elle risonho.

— Não tenho filhos, commendador, respondeu Laura, fingindo não comprehender.

— Sei disso; refiro-me aos **meninos**, aos meus meninos.

— São verdadeiramente **uns meninos originaes!**

— Sério? Oh! como agradeço!... exclamou o bom velhote. Intelligentissimos, não?

— Mas sou obrigada a deixal-os...

— Quando?

— Hoje mesmo...

— Que me diz? Tem algum resentimento dos pequenos?

— Absolutamente...

— Não está satisfeita com o seu ordenado? Seja franca, minha senhora... Olhe estas creanças estão muito crescidas para cursar uma escola de **tico-tico**... Fique, fique; não se arrependerá.

— Impossivel, senhor, impossivel. Já é tarde e tenho outros alumnos. Peço licença para me retirar.

O velho, amuado, estendeu-lhe a mão, emquanto Horacio e Jorge riam-se do pae e da viuva.

Esta, furiosa, não esperou; sahiu, lamentando mais do que nunca a perda de seu esposo, o seu querido Leonel, tão bom e generoso, deixando para sempre aquelles pseudo-meninos e o velhote idiota e maniaco.

E da rua, ainda ouviu esse **piar** vulgarissimo, do qual os individuos acafagestados tanto se utilizam.

Eram Horacio e Jorge que da janella de casa debicavam ainda a pobre senhora suspirosa de sua infelicidade e amaldiçoando essa phase tristissima e complicada de um paiz flagellado pela fome e pela crise...

E os rapazes ficaram na plenitude de sua ignorancia, porque tinham perdido o melhor tempo nas traquinagens e agora, já homens, difficilmente encontrarão quem lhes possa ensinar e educar e fazer nascer nos seus espiritos o amor ao estudo e a dedicação ao trabalho. Eis um exemplo que deve servir de estimulo aos nossos amiguinhos, os quaes se devem habituar ao estudo desde pequeninos para serem grandes homens, uteis a si, á sociedade e á Patria.

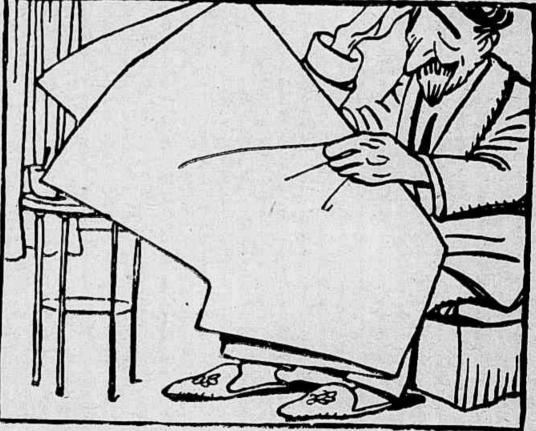
VIDETTE.

REMEDIO CONTRA O ABORRECIMENTO

NOTA COMICA EM CINCO QUADROS

Oh! como me aborreço, que grande insipidez! Já não sei mais o que hei de ler para me distrair.
Tenho uma idéa, que talvez me proporcione leitura amena e sobretudo sensacional . . .

— Um annuncio, na quarta pagina ?
— Duzentos réis a linha.
— Perfeitamente ; aqui o tendes redigido, mas desejo que saia amanhã em logar bem visivel.

Certamente o bello sexo me responderá amavelmente, pois tenho comprehendido que as mulheres se aborrecem tambem. Veremos amanhã.

— Ah! aqui está o annuncio : «Moço solteiro de boa apparencia, sympatico, posição independente, deseja encontrar senhorita amavel e divertida para se casar, conforme o mandamento da Egreja. »

Basta! Basta! carteiro, pelo amor de Deus!
A correspondencia que tenho recebido hoje dá para eu ler e distrair-me o resto da minha vida!

DE TUDO UM POUCO

Martyres da liberdade brazileira

Felippe dos Santos, esquartejado a 21 de Julho de 1720. Reinado de João V.

José Joaquim da Silva Xavier (Tiradentes), enforcado e esquartejado no dia 21 de Abril de 1792, no reinado de Maria I.

José Joaquim Ribeiro de Abreu Lima (padre Roma), fuzilado a 29 de Março de 1817. Reinado de João VI.

Padre Miguelinho (Miguel Joaquim de Almeida e Castro), fuzilado a 12 de Julho de 1817. Reinado de João VI.

Domingos José Martins, fuzilado a 12 de Agosto de 1817.

Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, fuzilado a 13 de Janeiro de 1825. Reinado de Pedro I.

João Guilherme Ractcliff, enforcado a 17 de Março de 1825. Reinado de Pedro I.

Libero Badaró, assassinado a 2 de Novembro de 1830. Reinado de Pedro I.

Dr. Joaquim Nunes Machado, assassinado em combate, a 2 de Fevereiro de 1849. Reinado de Pedro II.

Pedro Ivo Velloso da Silveira, "desapparecido da prisão", a 22 de Abril de 1851. Reinado de Pedro II.

◆◆◆

Conservação das flores cortadas

As flores cortadas conservam-se por muito mais tempo nos vasos, si estes, em vez de estarem cheios de agua, o estiverem de areia branca, apenas com a agua sufficiente para conserval-a constantemente molhada. A agua pura, fazendo apodrecer bem depressa os pedunculos das flores, as impede de absorver a humidade precisa para se conservarem frescas. A areia, antes de empregada, deve ser bem lavada, sobre tudo si fôr a areia do mar, que é preferivel.

◆◆◆

Queda das pestanas

Para sustar a queda das pestanas, fazel-as longas e bellas, passe uma vez por dia, com um palito, a seguinte pomada:

Vaselina	5 gram.
Oleo de ricino	2 "
Acido gallico	5 decigr.
Essencia de alfazema . .	5 gottas

◆◆◆

Idéa da morte

Em certas tribus selvagens da America do Norte, o morto é collocado na attitude que tinha em vida: as coxas vergadas sobre o abdomen, as pernas vergadas sobre as coxas, os braços em posição curta sobre o peito na posição de culpado que supplica perante o juiz.

Entre os nossos caboclos, especialmente os Botocudos, os joelhos do morto tocam a testa, na posição da criança que nasce.

Em muitas paragens da Oceania, sobre tudo na Nova Zelandia, ligam-se fortemente as pernas, as coxas, estas ao ventre, approximando os joelhos da testa, para dar ao morto a attitude que tinha quando chegou á vida e para que este volte, como veio.

Para limpar bronze

Os objectos de bronze, velhos, ficam brilhantes como novos esfregando-se-lhes, com uma escova, ammoniaco liquido do commercio e enxaguando, depois, em agua pura.

◆◆◆

Contra a influenza

Antypirina	2 grammas.
Xarope de flores de laranjeira.	30 "
Agua de tilia . . .	90 "
Tintura de aconito .	12 "

Para tomar 1 colher de 2 em 2 horas, alternadamente com leite quente.

◆◆◆

Divorcio

Ao tempo de Justiniano, em Roma, a mulher podia separar-se do marido quando este fosse homicida, envenenador, sacrilego; durante ausencia prolongada, fraqueza organica ou exercicio da vida monastica.

Si a mulher apresentasse outro motivo, ficaria despojada de tudo que lhe pertencia.

◆◆◆

Limpeza das mãos

Quando as mãos se encontrarem muito sujas, em virtude de trabalhos demorados de laboratorio ou *atelier*, friccionam-se primeiro com uma pequena quantidade de vaselina, e depois lavam-se com sabão usual, em agua quente. A pelle das mãos, assim tratada, fica branca, macia e muito flexivel.

◆◆◆

Mãos que crescem!

O esculptor norte-americano Daniel Chester French affirma que a mulher dos Estados Unidos de hoje tem as mãos mais fortes do que outr'ora.

No decurso das observações que tem feito ha alguns annos, descobriu que as mãos longas e finas se tornam cada vez mais raras e que muitas mulheres têm as mãos curtas e largas, como os homens. Essa transformação, segundo o alludido artista, deve resultar da pratica dos *sports*, a que as mulheres, na America, se entregam quasi tanto como os homens.

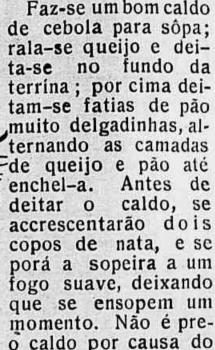
◆◆◆

Maneira de reavivar as arvores doentes

Qualquer que seja o estado de doença de uma arvore, bastará, para a fazer renascer, e dar ás folhas a côr verde, signal de bôa vegetação, regal-a com uma solução de sulfato de ferro, na proporção de 10 grms em uma garrafa d'agua.

Este sal baratissimo, e que se acha em toda parte, é de uma vantagem immensa na agricultura, pois que produz resultados admiraveis.

RECEITAS

Sopa com queijo

Faz-se um bom caldo de cebola para sôpa; rala-se queijo e deita-se no fundo da terrina; por cima deitam-se fatias de pão muito delgadinhas, alternando as camadas de queijo e pão até enchel-a. Antes de deitar o caldo, se accrescentarão dois copos de nata, e se porá a sopeira a um fogo suave, deixando que se ensopem um momento. Não é preciso temperar-se o caldo por causa do queijo.

Carne picada

Tome-se a carne que se tenha mais á mão, seja do açougue, aves domesticas, ou caça, cozida ou assada, e, ainda, si se quer, muitas outras, accrescentando, si houver, carne de salsicha. Pica-se tudo o mais miudo possivel, temperando com salsa e cebolinha, e passa-se em uma caçaróla, com um pouco de banha e polvilho de farinha, humedecendo com caldo ou agua. Deixe-se cosinhar a fogo lento meia hora. Algumas pessôas accrescentam crôstas de pão torrado e um ou dois ovos batidos.

Créme de laranja

Misturam-se em um litro de leite, 500 grammas de assucar, 100 grammas de farinha de trigo, 15 gemmas de ovos e a raspa de duas laranjas (raspadas com o ralador). Depois de tudo bem misturado, côa-se por um panno para a caçarola e cozinha-se como os outros cremes.

Depois de prompto, despeja-se em canequinhas ou pires e serve-se frio.

Doce de limões

Escolhem-se limões pequenos, de casca grossa, descascam-se como as tangerinas ou raspa-se a casca com uma faca bem amolada; fazem-se duas incisões bem fundas, com a ponta de um canivete, no bico, e furam-se com palitos.

Feito isto, deitam-se num tacho com bastante agua e cozinham-se a fogo forte; tendo fervido uma hora, examina-se si estão cosidos, o que se conhece introduzindo-se um palito, e si entrar com facilidade, tiram-se do fogo e mudam-se para agua fria.

Deixam-se assim durante seis dias, mudando-se a agua de 24 em 24 horas.

Depois faz-se o doce em calda forte.

NÃO FORAM PUBLICADOS
OS DIAS: 16 A 31